

BLUMENAU

em Cadernos

26 ANOS
FUNDÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU

TOMO
XL
Julho/1999
Número 07



BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

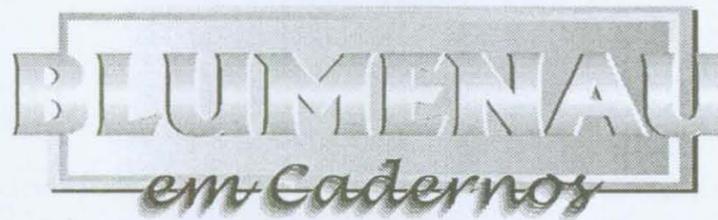
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 1999 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (047) 326-6990

E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”

Manifestações esportivas em Blumenau:

Skat (esq. para dir.: Alfredo Schmitt, Pedro Raulino,

Anivald Siebert, Francisco Wgner);

ginástica rítmica feminina; futebol e remo.

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

DIGITAÇÃO

Ellen Annuseck

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Carta de Wilhelm Müller à Sophie Agnes (1885)	07
O fantasma da “Barra Morta” – primeira parte <i>José Deeke</i>	18
Relatório da Colônia Blumenau sobre o ano de 1874 (parte final)	43
Encantos e Desencantos: novos meios de transporte no início do século em Blumenau <i>Méri Frotscher</i>	51
A língua nossa de cada dia – Variadas <i>Enéas Athanázio</i>	62

**Documentos
Originais**
Correspondências

**Carta de
Wilhelm Müller
à Sophie Agnes
(1885)**

O Dr. Christian Gustav Wilhelm Müller nasceu em 17 de fevereiro de 1857 e era meio irmão de Fritz Müller. Em 1883, já na condição de Dr. phil. e dedicado ao estudo da zoologia, veio fazer um estágio de dois anos junto ao seu famoso irmão. Fritz Müller, que emigrara para o Brasil em 1852, só então veio a conhecer pessoalmente este seu irmão, 35 anos mais jovem. Enquanto permaneceu no Brasil, Dr. Wilhelm se correspondia regularmente com sua mãe – madrasta de Fritz Müller – sra. Sophie Agnes. O Dr. Wilhelm veio a se tornar Professor Catedrático de Zoologia da Universidade de Greifswald, importante cidade universitária junto ao Báltico, onde faleceu em 1940, um dia após ter completado 83 anos.

A foto do Dr. Wilhelm, reproduzida na página dezesseis, data de 1882, portanto um ano antes de sua viagem ao Brasil.

A carta traduzida abaixo, embora esteja sem data, foi escrita em 1885 e faz parte de uma coleção de cerca de 40 cartas pertencentes à Sra. Erika Schumacher, neta do Dr. Wilhelm, que gentilmente forneceu cópias das mesmas para o acervo do Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”. A sra. Erika reside atualmente em Hannover, Alemanha, e esteve em visita a Blumenau em 1997, por ocasião das solenidades comemorativas ao centenário da morte de Fritz Müller.

Tradução e comentários: Cezar Zillig, autor do livro *“Dear Mr. Darwin: a intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin”*. São Paulo: Sky/Anima Comunicação e Design, 1997.



Liebe Mutter

*J*ch bringe Dir im Folgenden eine kurze Erzählung unseres zweiten Ausflugs nach der Küste.

Freitag den 4 früh 6 Uhr fuhren wir mit unserem Miniaturdampfer "Progresso" ab, kamen nach p.p. 7 stündiger Fahrt in Itajahy, dem Ort, welcher an der Mündung des Flusses liegt an. Unsere Erwartung, dort gleich auf den Dampfer, welcher den Verkehr an der Küste vermittelt, übersteigen zu können, wurde getäuscht; wir mussten in Itajahy übernachten, hatten indessen immer noch für brasilianische Verhältnisse ungemein günstigen Anschluss, konnten bereits am anderen Morgen um 8 Uhr weiter dampfen. Das Wetter war prächtig, die Fahrt führte uns die Küste entlang nach Süden. So sah ich die Theile der Küste, den wir bei dem früheren Ausflug zu Fuss abgemacht hatten, vom Meer aus, dann kamen mir neue Partien, wir traten in den Canal zwischen der Insel St. Catharina und dem Festland ein. Da konnten wir links die bergige Insel, rechts das Festland, dessen Berge sich in der so gebotenen Profilzeichnung charakteristisch genug abhoben, vor uns im Süden in grösserer Entfernung majestätische Bergmassen.

Die Scenerie bot genug Abwechselung da wir der Küste nahe blieben, jede Bucht ein Bild für sich bot, freilich hie und da ein Städtchen oder ein ordentliches Dorf hätte sich mehr Wechsel hereingebracht. Das schöne Wetter liess einen vergessen, das der Dampfer, auf dem wir uns befanden, ein rechtschlechter unbequemer Kasten.

Gegen 3 Uhr kamen wir in Desterro an, gerade rechtzeitig zum Mittagessen. Desterro ist die Hauptstadt der Provinz St. Catharina. Es zählt ungefähr 5000 Einwohner, meist Brasilianer, doch auch genug Deutsche, die ihre eigene Geselligkeit, ihr eigenes Clublocal etc. haben. In den Händen der Deutschen befindet sich der gesammte Import der Provinz, zum Theil auch der Nachbarprovinz. Da nun Brasilien allerdings Naturprodukte genug hat, indessen eine Industrie noch fast ganz fehlt (fast jedes industrielle Unternehmen wird vom Stadt, der die Hohen Importzölle nicht verlieren will, bei seiner Geburt tod gemacht!) so will das mehr sagen, als wenn sie den Export in den Händen hätten. Derselbe geht wohl zum kleinsten Theil über Desterro. Die Provinz hat wenig nach dem Ausland zu exportieren; das Geschäft mit Tabak liegt noch sehr im Argen, wenigstens fürs Ausland. Dagegen liefert die Provinz, und besonders die Deutschen Colonien viel Lebensmittel, Butter und Fett (in Blechbüchsen eingelöhtet), Fleisch, Geflügel nach Rio. Dies Geschäft geht meist direct.

Querida Mãe

Seguir eu te faço um curto relatório de nossa segunda excursão para a costa. Sexta-feira, dia 4, partimos às 6:00 h com nosso vapor miniatura "Progresso" e após 7 horas de viagem alcançamos Itajaí. Nossa esperança de embarcar imediatamente no vapor que faz o trajeto costeiro foi em vão; nós precisamos pernoitar em Itajaí; no entanto, para os padrões brasileiros, ainda tivemos uma ótima conexão, pois já às 8:00 h da manhã seguinte pudemos seguir navegando. O tempo estava fantástico e a viagem nos conduzia para o sul ao longo da costa. Assim, eu via do mar a porção da costa que nós dois tínhamos percorrido a pé numa excursão anterior, bem como partes que eram novidade para mim; entramos no Canal entre a Ilha de Santa Catarina e a terra firme. Então tínhamos à esquerda a montanhosa ilha, à direita a terra firme, cujas montanhas apresentavam seus perfis característicos se sobressaindo; para o sul tínhamos diante de nós, à grande distância, majestosas massas de montanhas. O cenário oferecia suficiente distração e, como ficássemos próximos à costa, cada baía era um quadro por si que se oferecia, mas certamente uma cidadezinha ou uma aldeia aqui e acolá teria acrescentado mais variação. O tempo maravilhoso fazia qualquer um esquecer que o vapor sobre o qual nos encontrávamos, se tratava de um desconfortável caixote, verdadeiramente ruim.

Pelas 3 horas chegamos em Desterro, no tempo justo para o almoço. Desterro é a capital da Província de Santa Catarina. Conta com cerca de 5.000 habitantes, a maioria brasileiros, porém também com alemães suficientes para terem sua própria vida social, seus próprios clubes, etc. Nas mãos dos alemães encontra-se toda a importação da Província bem como parte da importação da Província vizinha. O Brasil tem produtos naturais suficientes, todavia uma indústria falta quase que por inteiro. (Quase toda iniciativa industrial é morta na raiz pelo Estado, que não quer perder seus elevados impostos alfandegários!). Parte das exportações é feita através de Desterro. A província tem pouco para exportar para o exterior; os negócios com o tabaco estão indo de mal a pior, ao menos para o estrangeiro. Pelo contrário, a Província, e principalmente através das colônias alemãs, mandam para o Rio muitos alimentos, manteiga, gordura (soldadas em embalagens de lata), carne, aves. Na maioria, este negócio se faz diretamente.

Nos alojamos com um conhecido do Fritz, que morava com seu companheiro (dois solteirões) numa casa num subúrbio da cidade elegantemente

Wir quartierten uns bei einem Bekannten von Fritz ein, der mit seinem Compagnon (zwei Junggesellen) ein elegant möbliertes Haus in der Vorstadt bewohnte. Sehr angenehm war mir ein neues, recht gutes Instrument. Unser Wirth spielte die Geige und war erfreut einen Clavierspieler zu haben. An guten Noten fehlte es auch nicht, die freilich noch nicht aufgeschnitten waren. Meine Übung im zusammenspielen mit anderen und die Gewohnheit dabei die Directive zu übernehmen kamen mir zu gute und ich brachte denn auch Sachen zu Stande, die sich unser Wirth nie zugetraut hätte. So verlebten wir einige Tage ganz vergnügt, sahen uns die Umgegend an, besuchten alte Bekannte von Fritz, wobei ich auch einmal wieder Erinnerungen an das Wirthspielen auffrischen konnte, und empfand ich es ganz angenehm, dass ich mich einmal wieder in etwas eleganterer Umgebung, zwischen gebildeten jungen Leuten bewegen konnte.

Am Mittwoch (9) früh setzen wir unsere Reise fort. Nachdem wir den hier sehr schmalen Canal zwischen Insel und Festland in wenigen Minuten per Boot passirt, wanderten wir nordwärts die Küste entlang. Hier zu Lande, wo es mit den Strassen windig aussieht, bildet der sandige Strand oft auf grössere Entfernung der einzige Weg. Da geht es sich bei einigermaßen ruhigen Meer und nicht zu hoher Fluth ganz gut. Der nasse von Zeit zu Zeit von einer Welle übergossene Sand ist fest, das es sich gut darauf geht; die ausmündenden Bäche sind an ihrer Mündung meist so flach, dass man trocken fusses darüber kommt. Anders wenn das Meer ziemlich bewegt, die Fluth hoch. Dann treiben einen die Wellen herauf in den halb trocknen losen Sand, in den es sich schauerhaft geht, dann sind die Bäche weit herauf mit Seewasser gefüllt. Nun hatten wir sehr hohe Fluth, und mussten besonders unter der letztgennanten Eventualität leiden, mussten an den Bächen aufwärts, durch Gärten und Gebüsch vordringend, einen Übergang suchend. Heftige Regengüsse, die in den letzten Tagen gefallen, hatten die Bäche noch unwegsamer gemacht. Schliesslich fanden wir einen hülfreichen Brasilianer, der uns in seinem Cano eine ganze Strecke die Küste entlang und so an drei schwierig zu passierenden Mündungen vorbei führte. Seine Versicherung, dass wir von hier aus überall Brücken über die Bäche fänden, war ganz richtig, aber wie waren die Brücken. Eine lag an den Enden nicht auf, sondern in der Mitte. Trat man nun auf das eine Ende, so sank es 1 ½ Fuss tief unter Wasser, wobei sich das Ding zugleich um seine langsaxe drehte. Schliesslich kamen wir an eine Stelle, wo die Fluth den ganzen sandigen Strand bedeckte, bis zu den darüber beginnenden Gebüsch. Wir hatten die Wahl ein paar Stunden bis zum Zurücktreten der Fluht zu warten oder einen Weg durch das Gebüsch (ungefähr ½ Stunde weit) zu schlagen, beides nicht

mobiliada. Para mim foi muito agradável encontrar um instrumento novo e muito bom. Nosso anfitrião tocava violino e estava feliz por ter um pianista. Também não havia falta de boas pautas as quais nem haviam sido abertas. Minha experiência em tocar em conjunto e o hábito de tomar a direção, me favoreceram e eu realizei coisas que nosso anfitrião não teria se aventurado. Assim, passamos alguns dias prazerosos, explorávamos as redondezas, visitávamos velhos conhecidos do Fritz onde eu podia refrescar novamente minhas lembranças de tocar junto com o anfitrião. Foi muito agradável que eu pudesse me movimentar novamente em um meio algo elegante, entre jovens cultos.

Na manhã de quarta-feira, (9) seguimos adiante com nossa viagem. Após termos atravessado em poucos minutos, de bote, o canal entre a ilha e a terra firme, que aqui é muito estreito, nos dirigimos para o norte, ao longo da costa. Aqui no país as estradas estão mal, as praias de areia se constituem nos únicos caminhos para grandes distâncias. Com o mar relativamente calmo e com marés não muito altas até que vai muito bem. A areia molhada, regada pelas ondas, é firme e permite se andar bem; os ribeirões que nele desembocam apresentam na maioria seus estuários tão rasos que a gente os atravessa com os pés secos. É diferente com o mar agitado e a maré alta. Então as ondas obrigam o viandante a andar sobre a areia meio seca e fofa onde se caminha miseravelmente e os ribeirões se enchem um bom trecho acima com água do mar. Nós tivemos uma maré muito alta e sofremos especialmente por esta eventualidade, subindo os ribeirões através de jardins, nos debatendo com o mato à procura de uma travessia. Intensos temporais que caíram nos últimos dias tornaram os ribeirões ainda mais intransitáveis. Encontramos um prestativo brasileiro que nos levou em sua canoa por um longo trecho da costa onde havia três estuários de difícil transposição. Sua afirmação que daqui por diante encontraríamos pontes sobre os ribeirões era totalmente correta. Mas que pontes! O fim de uma delas não alcançava o outro lado, ficava a meio caminho. Quando se pisava numa ponta, ela afundava um pé e meio sob a água quando a coisa simultaneamente girava ao longo de seu comprimento. Finalmente chegamos em um lugar onde a maré cobria toda a praia até alcançar o mato. Nós tínhamos como opção esperar um par de horas até que a maré baixasse ou tentar um caminho através do matagal (cerca de 1/2 hora de largura), ambas as perspectivas nada animadoras. Então veio um pescador nos salvar pelo preço de

sonderlich verlockende Aussichten. Da kam zu unserer Rettung ein Fischer, der uns zu Preis von 1 Mr (2 Mk) in seinem Boot bis zu dem Wirthshaus, in dem wir Mittag essen wollten, führte. Das Wirthshaus selbst lag etwas hoch, der Weg nach beiden Seiten war mit Wasser bedeckt, das Wirthshaus mit Passanten angefüllt, die durch die Fluth aufgehalten. Hier konnten wir mit Muse das Eintreten der Ebbe abwarten. Dann konnten wir ungehindert unserem Weg bis zu unserem Nachtquartier fortsetzen. Das Logie war (nach hiesigen Begriffen!!) gut, den Namens des Ortes habe ich vergessen. Am folgenden Tag wanderten wir entfernt von der Küste, das einnige Hinderniss war ein breiter reisender Bach, der durch den Regen geschwellt, so dass die Brücke (ein schmaler Balken) ungefähr 1 Fuss tief unter Wasser lag! Dass Balancieren war unter diesen Umständen nicht leicht, ging indessen glücklich von Statten. Bald nach Mittag langten wir am Ziel unserer Reise, einem kleinen Ort, Armação (spr Armasong) an. Wir fanden Schwierigkeiten wegen des Unterkommens. Wir wollten bei einem Deutschen mit Namen Andreas (die Leute sind hier nur mit ihrem vornamen bekannt) logieren, bei dem Fritz früher einmal Quartier gefunden. Der Mann existierte noch und auch sein Haus, doch hatte er das Haus vermietet; er betrieb die Landwirtschaft etwas im Inneren. Der Miether, der im Haus einem Kaufladen hielt, wollte uns Quartier geben, aber nicht bekostigen. Zum Glück kam Andre, der Besitzer des Hauses, dazu und half uns aus der Verlegenheit, indem er seine Frau von der nicht sehr entfernten Colonie rufen liess, die für die Dauer unseres Aufenthaltes herunter kam, für unsere Bewirtung sorgte. Es waren gute gefällige Leute, die nach Kräften für unsere Bequemlichkeit sorgten. Auch Andre selbst blieb unten überliess die Bewirthschaftung der Colonie seinen Kindern, so hatten wir nur mit ihm, nicht mit dem Miether des Hauses zu thun.

Zweck unserer Reise war die Untersuchung des in die Nähe gelegenen Muschelbergs. In vorgeschichtlicher Zeit, vielleicht erst vor wenigen Jahrhunderten, vielleicht vor über tausend Jahren haben hier Ureinwohner gelebt, die sich von Seethieren, besonders Muscheln, gelegentlich auch einmal von ihren lieben Mitmenschen genährt haben. Die Reste der Mahlzeit, besonders Muschelschalen, haben sie stets auf dieselbe Stelle geschütet und so einen ganz anständigen Hügel aufgehäuft. Solche Muschelberge finden sich die ganze Küste lang zerstreut. In ihnen finden sich zerstreut Steinwaffen, die unbrauchbar geworden sind weggeworfen oder verloren gegangen. Das Umwühlen rapisolches Berges giebt immer manchen Anhalt für Kenntniss der Lebensweise der Ureinwohner. Unser Berg wurde abgetragen, man brannte aus den Muscheln Kalk, so hatten wir nicht nothig umzuwühlen, die Gruben aus

1 Mr (2 Mk)¹ nos conduziu em seu barco até a venda onde queríamos almoçar. A venda se situava em lugar elevado, os caminhos para ambos os lados estavam cobertos pela água, a venda estava lotada de passantes que foram retidos pela maré. Aqui poderíamos aguardar com ócio a chegada da vazante. Então pudemos prosseguir livremente o caminho até o local de pernoite. O alojamento era (segundo os conceitos locais!!) bom, o nome do lugar eu esqueci. No dia seguinte caminhamos longe da costa. O único obstáculo era um largo e caudaloso ribeirão que estava alto pelas chuvas, de tal maneira que a ponte (uma estreita viga) se encontrava a um pé sob a água! Equilibrar-se nestas circunstâncias não era fácil, mas fomos bem sucedidos no entanto. Logo após o meio-dia alcançamos o destino de nossa viagem, um pequeno lugar, Armação (se pronuncia Armasong). Encontramos dificuldades com o alojamento. Nós deveríamos nos hospedar com um alemão chamado Andreas (as pessoas aqui são conhecidas apenas pelos seus prénomes), onde o Fritz uma vez encontrou abrigo. O homem ainda existia e também sua casa, mas ele a tinha alugado; praticava a agricultura mais para o interior. O inquilino, que mantinha na casa uma venda, queria nos dar abrigo, porém sem nos alimentar. Por sorte veio o Andre², o proprietário da casa, que nos tirou da dificuldade mandando chamar sua mulher na colônia que não era muito distante, e ela se ocupou em nos servir. Se tratava de pessoas boas e solícitas, que se esforçavam, zelando pelo nosso conforto. Também o próprio Andre permaneceu lá, deixando o trabalho na colônia por conta de seus filhos de tal forma que tínhamos de tratar apenas com ele e nada a ver com o inquilino da casa.

A razão de nossa viagem era examinar montes de conchas das proximidades. Nos tempos pré-históricos, talvez há poucos séculos, talvez por mais de mil anos, viveram aqui aborígenes que se alimentavam de animais marinhos, especialmente moluscos, oportunamente também de seus amados semelhantes.³ Os restos das refeições, principalmente as

¹ N.T.: Mk = Mark, marco alemão, que naquela época era significativamente mais valorizado que hoje. Mr, que o Dr. Wilhelm escreve, deve estar se referindo a Mil-réis.

² N.T.: Dr. Wilhelm grafou acima "Andreas", agora grafa "Andre" e adiante no texto chega a grafar "Andres".

³ N.T.: Referência aos "sambaquis". Hoje sabe-se, através de medidas com carbono 14, que os sambaquis das costas brasileiras, centenas deles catalogados, datam de 3000 até 5000 a. C. Usavam o local também para sepultar cerimoniosamente os seus mortos. Não consta que praticassem canibalismo.

denen gerade Muscheln geholt wurden boten an ihren Wänden die instructivsten Durchschnitte, unter den bei Seite geworfenen Steinen fanden sich genug Steinwaffen. So war unser Aufgabe hier sehr rasch erfüllt und konnten wir uns der Untersuchung der Küste an ihre Bewohner zu wenden. Eine Kurze Beschreibung der Lage von Armação. Armação ist ein Fischerdorf, von dem man zunächst nur die wenigen Häuser sieht, welche dicht am Strand liegen, es mögen ungefähr 8 sein, wie viel versteckt mehr im Inneren liegen, weiss ich nicht, viel mehr dürften es auch nicht sein. Das Meer bilde eine halbkreisförmige Bucht, nach Süden und Westen von höheren Bergen, nach Norden von einer flacheren Halbinsel begrenzt, nach Osten lagert sich die Insel St. Catharina vor. Der Blick trifft nach allen Seiten auf Berge oder wenigstens festes Land und wenn es nicht die Bildung des Strandes oder ein vorbeiziehendes Schiff das Meer verrieth, würde man glauben einen Binnensee vor sich zu haben. Wo indessen der Blick nicht heraus kann nach dem offenen freien Meer, da kann auch das Meer mit seinen sturmbewegten Wellen nicht herein. Die Bucht ist sehr geschützt und das ist für das Vorkommen gewisser Seethiere überaus günstig. Zum Theil mit sandigem, zum Theil mit schlammigem Grund, mit sandigem oder felsigem Strand finden sich hier die Existenzbedingungen für ganz verschiedenartige Seethiere, welche theils das eine, theils das andere lieben. Überschreitet man die nördliche flache Halbinsel, so hat man vor sich das weite offene Meer, der sandige und felsige Strand (zum Theil recht imposante Felsen) hat wieder eine andere Bevölkerung. So findet man hier in engen Kreis vereinigt und jeder für sich leicht erreichbar, was sonst jedes besonders aufgesucht sein will. Man wird lange suchen können ehe man einen für zoologische Studien am Meer ähnlich günstig gelegenen Ort findet. Das Glück war uns günstig, wir hatten in den wenigen Tagen unseres Aufenthalts sehr tiefe Ebben, die uns das Meer weit zugänglich machten, haben diese Gelegenheit auch redlich ausgenutzt. Ich habe mancherlei neue Formen kennen gelernt. Viel mehr Nutzen würde ich freilich von einem langen Aufenthalt haben, bei dem dann auch das kleine Viehzeug Berücksichtigung finden kann. Solchen längeren Aufenthalt denken wir in einigen Monaten zu nehmen, das Klima ein gesünderes (zur Zeit gab es bedenklich viel Fieberkranke, das hört aber um Pfingsten ganz auf und das Klima ist dann ganz gesund). Dann wird auch Andres Haus leer und uns ganz zur Verfügung stehen, und werden wir da zwar keinen comfortable eingerichtete Wohnung, doch wenigstens ein grosses Zimmer und die nöthigsten Möbel haben.

conchas, eles depositavam sempre no mesmo lugar, formando assim uma respeitável colina. Tais montes de conchas se acham espalhados por toda a costa. Neles se encontram armas de pedra perdidas que se tornaram impréstáveis e foram jogadas fora ou extraviadas. Remexer em tal colina sempre traz informações sobre o modo de vida dos aborígenes. Nossa colina estava sendo demolida para se obter cal com a queima das conchas, de tal maneira que não tínhamos necessidade de cavoucar. As cavernas de onde as conchas estavam justamente sendo extraídas, exibiam em suas paredes instrutivos cortes, e sob as pedras deixadas de lado se encontravam suficientes machados de pedra. Assim, nossa tarefa aqui se realizou rapidamente e pudemos nos dedicar ao exame dos habitantes da costa. No entanto, é preciso fazer um reparo de algo que deixei de lado, que é a descrição da situação de Armação. Armação é uma aldeia de pescadores, na qual se vê inicialmente apenas poucas casas situadas junto à praia, devem ser em número de 8, quantas mais existem ocultas mais para o interior, eu não sei, não devem ser muitas mais. O mar forma uma baía semicircular, limitada para o sul e para o oeste por altas montanhas, e para o norte por uma plana península, para o leste situa-se a ilha de Santa Catarina. A vista encontra montanhas para todos os lados ou ao menos terra firme, e se a formação de praia ou de um navio em trânsito não denunciasses a presença do mar, a gente acreditaria ter diante de si um lago interno. Onde, entretanto, a vista não pode ver o mar aberto, lá também o mar não pode entrar com seus vagalhões de tormenta. A baía é muito protegida e isto é extremamente favorável para a existência de certos animais marinhos. Em parte com fundo arenoso e em parte com fundo lodoso, com praias arenosas ou de rochas, encontra-se aqui condições de existência para as mais variadas espécies de animais marinhos, parte dos quais preferem um e parte outro. Se a gente ultrapassa a plana península ao norte, tem-se diante de si o mar aberto, a praia arenosa e de rochas (em parte com rochas verdadeiramente imponentes), abrigando outro tipo de habitantes. Assim, encontra-se reunido aqui, numa estreita área, e fácil de se alcançar, o que em outros locais precisa se procurar especialmente. Para estudos zoológicos no mar, a gente terá que procurar muito, antes de encontrar um semelhante lugar, tão favorável. A sorte nos favoreceu, pois nos poucos dias de nossa permanência a maré permaneceu muito baixa, de tal forma que o mar se fazia vastamente acessível. Aproveitamos esta oportunidade ao máximo. Eu conheci várias formas novas de vida. Certamente eu teria aproveitado mais numa permanência mais longa, quando também as pequenas

Am Dienstag wollen wir die Rückreise antreten und zwar zunächst nach Desterro, wohin man bei günstigem Wind per Boot in 3 Stunden fährt. Indessen, der günstige Wind blieb aus und wir da. Mittwoch kam etwas Wind, wir fuhren los, doch schlief der Wind bald ein und wir kamen nicht von der Stelle, nach 3 Stunden waren wir noch nicht eine Stunde weit. Schliesslich kam Wind, doch statt des gehofften Nordost kam Südwest. Nun hätten wir kreuzen können, wären schliesslich doch noch an Ort und Stelle gekommen, doch hatte der eine



unserer beiden Bootsleute einen Anfall von Wechselfieber bekommen, war unfähig etwas zu thun, der Steuermann allein konnte das Umlegen des Bootes nicht besorgen, so drehten wir um, waren nach einer Stunde so weit wie vorher. Schliesslich am Donnerstag ging die Reise glücklich von Statten, wobei wir freilich auch anstatt der gewöhnlichen 3 Stunden 6 Stunden auf dem Meer lagen, und das ist im offenen Boot, im brennender Sonne eben keine Annehmlichkeit. Jetzt sitze ich hier in der Stadt, von wo ich meinen Brief abschicken werde. Vermuthlich kehren wir am Dienstag per Dampfer S. Lorenzo nach Itajahy, am Mittwoch per Progresso nach Blumenau zurück.

Ich bekomme ja gar keine Familienneuigkeiten mehr zu

hören; passiert denn gar nichts? Was macht Ernst Naucks Thätigkeit, wie weit ist Wilhelm Schmidt mit dem Examen? Etc. etc.

Im nächsten Brief muss ich Dir noch einmal von Fritzens Absetzung und Wiederanstellung erzählen.

Herzliche Grüsse von Deinem Wilhelm

criaturas poderiam receber consideração. Pensamos em ficar para uma permanência mais longa, em alguns meses quando o clima estiver mais salutar (no momento há preocupantemente muitos doentes de malária, mas que cessa completamente no Pentecostes). Então, a casa do Andres estará vazia e inteiramente a nossa disposição e embora não seja um cômodo confortavelmente instalado, ao menos teremos lá uma grande sala e os móveis mais necessários.

Na terça-feira pretendemos iniciar a viagem de retorno, primeiramente até Desterro, que com vento favorável se alcança com 3 horas de barco. Por enquanto, não tem aparecido vento favorável e nós temos ficado aqui. Na quarta-feira soprou um pouco de vento. Nós partimos, mas o vento logo adormeceu e não saímos do lugar; após 3 horas não tínhamos progredido uma hora. Finalmente veio o vento, mas em vez de entrar o esperado nordeste, entrou o sudoeste. Nós poderíamos ter forçado e teríamos chegado no local a tempo, mas um dos nossos dois barqueiros foi acometido por uma crise de malária, estava incapaz de fazer algo, o timoneiro sozinho não pôde mudar o barco de bordo. Mudamos de rumo e após uma hora estávamos tão distantes como antes. Finalmente, na quinta-feira a viagem prosseguiu com sucesso, mas ficamos no mar 6 horas em vez de 3 como de hábito; e isto num barco aberto e expostos a um sol abrasador não é nenhuma delícia. Agora estou novamente sentado aqui na cidade de onde devo enviar minha carta. Supostamente voltaremos na terça-feira com o vapor S. Lorenço para Itajaí e, na quarta-feira, com o vapor Progresso para Blumenau.

Eu não recebi mais nenhuma novidade familiar. Não ocorreu absolutamente nada? O que acontece com a atividade de Ernst Naucks? A quantas anda Wilhelm Schmidt com o exame? etc. etc.

Na próxima carta eu preciso te relatar novamente sobre a destituição e a readmissão do Fritz.

Saudações cordiais do teu Wilhelm

Histórias ao redor da fogueira do acampamento

O fantasma da "Barra Morta" - Primeira parte

Texto:

*JOSÉ DEEKE**



Com o propósito de prosseguirmos a divulgação, iniciada em abril deste ano, em português, de excertos extraídos da obra inédita, escrita em língua alemã, "Am Lagerfeuer" do historiógrafo José Deeke, selecionamos o conto "O fantasma da Barra Morta". Neste novo capítulo o autor desenvolve a história, redigida em 1925, certamente através de recordações de antigas ocorrências que se verificaram no baixo Vale do Itajaí.

É interessante notar-se que o título refere-se à controvertida "Barra Morta", formação hidrográfica que além de poder ser configurada como um segmento alagoado do rio Itajaí Açu, também poderia tratar-se de uma referência ao discutido "segundo canal extravasor" do mesmo rio, e cujo sulco de vazão das águas as conduziria à uma barra de foz alternada, que, já então, estaria assoreada e portanto morta. Nos relatos da grande enchente de 1880, houve menções ao fato do esbordamento do rio Itajaí Açu, quando desaguou para os lados da Praia da Armação, portanto através de uma barra diversa da habitual.

No enredo do conto é possível identificar, apesar de romanceados, alguns acontecimentos históricos como o insucesso havido na implantação da "colônia belga" na região da atual Ilhota-SC, pretendida, a partir de 1842, por Charles Van Lede. Como em meados da década de 1920/30 um território de 50 milhões de metros quadrados, pertencente à antiga colônia belga de Van Lede, foi adquirido por compra a um Hospital de Bruges - Bélgica por Willy Scheefter que, por sua vez, era concunhado de José Deeke, talvez este, pelas conversas com o seu parente, sentiu-se estimulado no desenvolvimento do conto, tendo como substrato as decorrências sócio-econômicas que lá, no passado remoto, sucederam.

Cumpramos ressaltar a curiosa menção que faz, se bem que romanceada, mas nem por isso passível de exclusão por inverossímil, acerca da existência nas cercanias do baixo rio Itajaí, de uma "feitoria para adaptação de escravos" recém chegados ao país. Sem dúvida trata-se de narrativa excepcional, que de tão bem engendrada, leva-nos à suspeição de que realmente naquela época tenha existido lá um estabelecimento escravista, objetivando impor submissão, aprendizado do vernáculo e adaptação dos escravos negros às condições servis exigidas pelos seus senhores.

* José Deeke - agrimensor e cartógrafo. Autor de livros e numerosos artigos sobre a região do Vale do Itajaí. Sua obra mais famosa intitula-se: "O Município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento", publicada originalmente em alemão pela editora Rotermund & Cia. (São Leopoldo, 1917, em três volumes); e, em 1995, em português (Blumenau, Editora Nova Letra).

Tradução: Edith S. Eimer / Niels Deeke.

Notas de fim redigidas por Niels Deeke.

O fantasma da “BARRA MORTA”

Há alguns dias atrás contei, em resumo, ao senhor Rankow que espécie de “aves de arribação” foram meus pais - como peregrinaram pelo mundo para finalmente se estabelecerem em Santa Catarina. Por isto não desejo ser enfadonho repetindo todo o relato, tendo em vista que naquela época, quando eles realizaram longos cruzeiros, eu ainda era muito jovem para compreender o significado de tudo o que podia contemplar e não foi possível fixar na memória aquele longínquo período de minha infância.

Passei minha adolescência com meus pais, como filho único, numa pequena colônia no sul do Estado. Como o aprendizado numa singela escola colonial não era difícil, sem demora, pude absorver o necessário, pelo menos o imprescindível para formação de um cultura elementar, capacitando-me a ler, escrever e calcular.

Tão logo fui confirmado⁽¹⁾, despertou-me um impulso de andarilho, o que provavelmente herdei de meus pais e, apesar de seus insistentes pedidos para que ficasse com eles, parti pelo mundo afora - enfrentando as incertezas do porvir.

Entretanto parecia que uma oportuna estrela da sorte dirigia meus passos e guiava-me, pois nunca me senti mal e sempre estive disposto e feliz. Ganhei meu sustento de várias formas, como operário, carregador ou, na maioria das vezes, na qualidade de embarcado - fui marujo, copeiro de bordo e exerci outras funções semelhantes nos navios que percorriam a costa do Brasil.

Nunca permaneci muito tempo numa só região - aceitava os trabalhos conforme apareciam. Ganhava meu dinheiro e fazia poucos gastos, mesmo porque não bebia nem jogava e sempre tive verdadeira aversão a mulheres fáceis, além do mais, as diversas viagens engajadas que fazia não ocasionavam custos e posso até dizer que consegui unir o útil ao agradável.

Sempre que desejava viajar não precisava nem mesmo pensar em comprar uma passagem, simplesmente aceitava qualquer função a bordo de um navio e desta maneira ganhava algum dinheiro, além de satisfazer minha curiosidade de apreciar novos panoramas. Decorrido algum tempo consegui economizar boa soma e muitas vezes questioneei se já não era tempo de me fixar, em definitivo, em algum lugar, porque com a poupança que havia amalhado, poderia dar início aos mais diversos pequenos empreendimentos. Todavia uma sensação muito íntima impulsionava-me e parecia indicar que ainda não havia chegado o momento de assentar-me, compelindo-me a retornar à vida de peregrino.

Nos primeiros anos esporadicamente tive breves notícias de meus pais e somente depois de cinco anos andando pelo mundo afora - recebi o comunicado do falecimento de meu pai. Foi então que decidi fazer uma visita à minha mãe, mas o encontro nada teve de agradável, pois praticamente havíamos nos tornado estranhos

e além disso pareceu-me que minha mãe nutria por mim alguma desconfiança pois, logo após o falecimento de meu pai, vendeu a colônia por “desistência” - modalidade de alienação exercida em razão das terras ainda não estarem quite junto ao Governo - e com os valores recebidos recolheu-se à clausura em uma instituição religiosa permanecendo lá o restante de sua vida.

Pouco me importou o fato de minha mãe ter vendido as terras e ficado com todo o produto da venda, pois jamais pretendi herdar qualquer coisa de meus pais mas, independentemente desta renúncia, percebi o procedimento de minha mãe que agiu com singular rapidez, sem ao menos ter falado comigo a respeito do assunto.

Era perceptível que minha mãe tinha consciência de que agira de modo irregular, deliberando tudo a seu favor. Pude notar também que procedia como se temesse que eu me insurgisse contra si e anulasse a transação da propriedade para exigir a minha participação na herança. Enfim, não chegamos a falar a esse respeito, porém sentíamos que algo inadequado se interpunha entre nós e creio que na ocasião de minha partida, ela voltou a sentir algum afeto por mim.

Não tornei a ver minha mãe e quando ela faleceu, alguns anos após, eu estava novamente embarcado e, numa longa viagem, percorria o litoral da costa norte do País. Somente muito depois do desenlace recebi a comunicação, através da respectiva irmã superiora responsável pela instituição na qual ela se recolhera e de acordo com esta, nos últimos tempos de vida minha mãe pensou muito em mim e pediu-lhe que me transmitisse seus agradecimentos pela imensa “generosidade” em ter-lhe deixado toda a herança de meu pai. Eu sinceramente não esperava qualquer agradecimento, mesmo porque era minha opinião que, por “direito-natural”, não me cabia qualquer participação na herança. Contudo fiquei até mesmo contente que minha mãe partiu em paz comigo e permitam que lhes diga que naquela época, diversas vezes, eu próprio recriminei-me por tê-la negligenciado. Cheguei mesmo a esperar que merecesse uma derradeira acusação pela desatenção em deixar de visitá-la, no entanto, ela pedia o meu perdão e, além disso, mandava agradecer a minha “generosidade”.

Justamente quando eu completei vinte e cinco anos de idade, minha vida sofreu uma completa transformação. Durante um baile na região de uma pequena cidade portuária conheci uma moça, filha de colonos alemães, empregada como doméstica numa família daquele local. Apaixonei-me, como costumam dizer, “perdidamente”. Era meu primeiro amor e ela, moça digna e honesta, não podia ser comparada com outras jovens que mantinham namoricos passageiros com rapazes da minha classe social.

Eu era livre, independente e possuía uma economia razoável, por isso não foi necessário esperar muito e pude, sem muita demora, casar com Berta - este era o nome dela. Para aquele momento adquiri uma pequena chácara, um pouco afastada do centro urbano, onde passei a trabalhar na lavoura. Era o quanto nos bastava para

viver e lá passamos o primeiro ano do nosso casamento, desfrutando plena felicidade e nem pensávamos em levar avante outro empreendimento que talvez nos proporcionasse melhor ganho. Queríamos aproveitar o máximo do tempo ali - as crianças viriam mais tarde - assim sonhávamos, contentando-nos com o quanto já tínhamos e relativamente ao futuro, oportunidades certamente haveriam para prosperar.

Nossa felicidade e nosso amor eram imensos e alcançaram o limite quando, para aumentá-los ainda mais, minha jovem esposa presenteou-me com um lindo filhinho. Batizamos o menino dando-lhe o nome de "*Feliciano*", como uma sublime homenagem ao bebê que veio coroar nossa ilimitada felicidade. Entretanto este foi o meridiano máximo de nossa abóbada celestial, nossa fulgurante estrela de venturas alcançara o limite de seu zênite. Minha esposa começou a ficar debilitada, emagreceu e a doença enfraqueceu-lhe tanto que só resistiu poucos meses após o nascimento do bebê - quando foi chamada para a eternidade e, compungido de tristeza e amargura, a sepultei.

Não sei como descrever o sentimento de melancolia que se abateu sobre mim. Nem mesmo a presença de meu amado filhinho podia me consolar. Entreguei o menino a uma família de amigos para que o criassem e empreguei-me como foguista de caldeira num vapor da linha costeira. Nesse pesado e estafante trabalho esperava poder esquecer um pouco a minha dor. Assim viajei por quase um ano, de porto em porto, pelo litoral do Brasil - porém não desembarcava nas cidades em que o navio aportava. Meu tempo livre passava deitado no beliche, recordando a felicidade perdida.

Com o passar do tempo a minha dor diminuiu e aos poucos fui tomado por um sentimento de amor pelo meu filho, até que finalmente não pude mais conter a saudade. A consequência foi meu retorno à minha casa para satisfazer a ansiedade em ver a criança.

No início, tornei a sofrer da antiga tristeza e mágoa, porque o pequenino não me reconhecia e até mesmo tinha medo de mim. Mas, sem muita tardança, cativei sua afeição, pois não haveria coração de pai que resistisse aos reclamos de amor que a criança requeria e prometi desistir das longas viagens para dedicar-me a meu filho com mais afeto.

Tornei a preparar a chácara, que nesse ínterim ficou um tanto abandonada, e para lá conduzi um casal de idade. Os velhos não podiam trabalhar muito, porém se contentavam em ter moradia, alimentação e a pouca roupa que necessitavam. Representavam uma oportuna ajuda para mim porque podiam cuidar das escassas cabras e aves do sítio sem muito esforço, possibilitando que eu permanecesse junto a meu filho. A velha senhora cuidava dele com zelo e, mesmo quando era preciso ausentar-me para alguma pequena viagem, seguia tranqüilo e certo de que a criança havido ficado em boas mãos.

Depois que consegui reorganizar satisfatoriamente a situação da chácara, saí à procura de alguma ocupação em que pudesse ganhar algo mais. E como se desígnios do destino me conduzissem, um comerciante da localidade, por quantia módica, ofereceu-me uma lancha⁽²⁾ que ele adquirira assumindo as dívidas do antigo proprietário. O comerciante desejava livrar-se da embarcação a todo custo e deu-se por feliz quando conseguiu passá-la adiante. Eu não precisava pagá-la de uma só vez, muito pelo contrário, ofereceu-me um longo prazo para saldar o débito e além disso assegurou-me que, sempre que possível, destinaria a meu encargo as mercadorias cujo transporte dependesse de sua indicação.

Visando logo iniciar as operações, contratei dois jovens que conheciam o leito do rio e seus respectivos canais, bem como as colônias estabelecidas rio acima. Como em poucos dias consegui reunir carga suficiente, não demorou para que eu empreendesse a minha primeira viagem.

Enquanto ainda percorríamos o trajeto nas proximidades do mar, o rio apresentava-se profundo e largo permitindo que o vento favorável fosse aproveitado. Icei a vela e com esta ajuda, em pouco tempo, venci um trecho considerável. Contudo, quando a região tornou-se montanhosa e o rio mais estreito, foi preciso arriar o pano e meus dois lancheiros precisaram tomar nas mãos as canas dos varejões para impulsionar a embarcação.

Este é um trabalho cansativo - principalmente nos lugares de correnteza - e tinha-se a impressão que até uma lesma seguindo pela margem poderia competir vantajosamente com a lancha, ainda mais que naquele dia soprava um vento terral e contrário que prejudicava, em muito, o progresso rio acima.

Trabalhamos incessantemente até a boca da noite, quando, ao longe, surgiu uma trovoadá, indicando que o temporal seria bastante forte. Como eu ainda não possuía a devida prática com aquele tipo de embarcação, consultei meus dois serviçais para deles ouvir sugestões quanto aos procedimentos nessas ocasiões, pois eles haviam feito diversas viagens e poderiam aconselhar-me.

Disseram-me que o caso parecia sério. Contaram histórias das mais arrepiantes e de como, sob tempestade durante a noite, muitas lanchas haviam sido atiradas em terra firme pelas ondas, além de casos em que emborcando, naufragaram. Por isto me aconselharam a procurar um lugar seguro para ancorar e, após pequena hesitação, um deles disse-me que próximo, em curto trecho rio acima, havia um pequeno afluente que oferecia um apropriado e protegido abrigo. Resolvi dirigir-me imediatamente para lá, objetivando resguardar a embarcação da tormenta que se aproximava.

Os lancheiros, redobrando seus esforços, impulsionaram com vigor as longas "varas" a fim de que, ainda antes do temporal, a embarcação alcançasse a embocadura da "Barra Morta"⁽³⁾ denominação que davam à confluência do riacho com a

via através da qual navegávamos. Afinal, constatamos que a pressa fora desnecessária, pois a trovoada dissipou-se, bem como a borrasca que receávamos. Entretanto quando adentramos a “Barra Morta” dei-me por feliz, porque a noite seria muito escura e, sob tais condições, não seria agradável permanecer junto a um talude lamacento, mesmo que não houvesse qualquer ameaça de trovoada ou tempestade com ventania.

A “Barra Morta” era na realidade um afluente inerte, pois praticamente não se percebia movimento algum nas suas águas. A embocadura propriamente dita era muito estreita - tão apertada que a lancha, em ambas as bordas do costado, roçava nos juncos quando a penetramos. Todavia, logo adiante, o pseudo-riacho se estendia, esparramando-se em grande largura, e a água era profunda e negra.

Enquanto eu fazia essas constatações, repentinamente minha atenção voltou-se para o procedimento de meus dois auxiliares. Eles recolheram os varejões e se prepararam para amarrar a lancha, tão logo foi ultrapassada a estreita barra.

Isto me parecia uma tolice. Por que desejariam atracar a lancha logo ali, naquele lugar onde ambas as barrancas estavam cobertas de lama, se era possível perceber que pouco adiante havia terreno elevado e seco, portanto apropriado para acostar? Além do mais podia-se logicamente deduzir que avante, em um sítio tão adequado, deveria, certamente, existir alguma edificação. Apesar de não ser possível enxergá-la daquele ponto, a sua existência era denunciada pelas copas das laranjeiras e palmeiras que sobressaíam da capoeira próxima, não muito além de uma curva que delineava parte da configuração da “Barra Morta”. Enfim não me conformei com a escolha, feita pelos lancheiros, daquele primeiro local, pois tudo indicava que o logradouro pouco adiante ofereceria condições muito mais favoráveis para fundarmos a lancha e passarmos uma noite despreocupados.

Destarte convidei meus dois lancheiros a retomarem os varejões e empurrar nossa lancha para além da curva, pois mesmo que não desejasse fazer uma visita específica ao colono, queria pelo menos observar a localização da propriedade, pretendendo verificar se o seu aspecto não diferia dos característicos ranchos de pescadores, moradores da orla marítima.

No entanto, estranhamente, os dois lancheiros não queriam obedecer-me. Encontraram as mais diversas desculpas e pretextos para tentar justificar sua contrariedade em prosseguir. Inclusive um deles declarou ser temerário aventurar-se até o sítio do morador, porque lá grassaria a “febre do pântano”, enfim, encheram-me os ouvidos com uma série de evasivas para não prosseguir.

Naturalmente isso impressionou-me um pouco, porém antes que me fosse possível solicitar algum esclarecimento mais consistente, ouviu-se, não distante, alguém gritando:

– Boa tarde!

Num primeiro momento, nós três nos assustamos e, os lancheiros, surpresos, olharam para a margem, onde entretanto não viam viva alma. Mas logo apareceu aquele que nos cumprimentara e até então parecia invisível. Era um pescador numa pequena canoa que, enquanto nós viajantes discutíamos, adentrou a barra sem que percebêssemos e então se encontrava bem próximo a nossa lancha. Como estivéramos postados na borda oposta da embarcação, não foi possível vê-lo antes.

O homem, que deveria ter pouco mais de vinte anos, era de estatura mediana, tinha bigode ruivo e não dava a impressão de ser um caboclo. Poder-se-ia depreender que se tratava de um pescador em virtude dos vários apetrechos de pesca que levava na canoa.

Sem qualquer outra formalidade, o canoeiro subiu a bordo da lancha e olhou-nos com muita atenção. Não dava a impressão de ser pessoa autoconfiante, segura de si próprio, nem mesmo inteligente - seus olhos transmitiam a impressão de um idiota e tive a sensação de que havia algo indefinido - e apesar do interesse que aparentava demonstrar por nós, não foi possível evitar um sentimento de repulsa. Enfim, para mim era difícil qualificar com clareza o que sentia, só tinha plena consciência de que o homem me era extremamente antipático.

Contudo ele não parecia dar-se conta disto, muito ao contrário, mostrava-se bastante satisfeito com o exame a que nos submetia, pois fez um gesto de aprovação com a cabeça e depois falou com uma tonalidade um tanto quanto irônica:

- Então é desta maneira que a "*Barra Morta*" recebe esta inesperada visita? Eu já ia blasfemar contra o mau tempo porque teria que desistir da pescaria e então vejo que pesquei algo bem mais proveitoso que um par de peixes miúdos, ou seja, obtive a sua amável visita.

Talvez em virtude dessa saraivada de palavras eu tivesse mirado o homem com alguma expressão que denotasse surpresa, pois não podia atinar qual o motivo que poderia levá-lo a se alegrar com a nossa visita. Porém ele logo notou a situação e tratou de esclarecer-se:

- Vejo que minha alegria o surpreende, disse ele, - mas isso é muito natural. Não sou um pescador profissional. Minha atividade é a de fazendeiro. Contudo minha "*fazenda*" - vejam - é aquela logo além da curva. Lá está o meu "*castelo*" - um pouco abandonado, e ... e..., - gaguejou para em seguida continuar a falar fluentemente, e eu mesmo não pude mantê-lo conservado em plena atividade. Caso pretendesse dedicar-me às plantações e criar gado, seria necessária a força de auxiliares, e estes custam dinheiro, porém os peixes apanho na água com alguma paciência e com pouco esforço. Enfim, colho sem ter semeado. Mas agora rapazes - e dizendo isto havia se voltado para os dois lancheiros - procurem empurrar esta "*arca*", pela "*Barra Morta*" acima, até o meu porto.

E então os homens, mesmo que um pouco hesitantes, começaram a impelir com as varas o carregado barco que logo deslizava pesadamente terra adentro, para além da curva em direção a um belo ancoradouro.

Da fachada do “castelo” do pescador ainda nada se via, pois um denso pomar de laranjeiras o encobria quase por inteiro - mas era possível avaliar, aproximadamente, pelo delineamento do contorno da extensa propriedade, que lá deveria haver uma construção considerável.

Quando nos aproximávamos do trapiche, o pescador e eu, fizemos nossas apresentações que até então ficaram pendentes, porém só dissemos o essencial. Mediante tal formalidade eu soube que seu nome era Johann van Dahlen, que sua ascendência era *belgo-flamenga* ⁽⁴⁾ e que ali o homem possuía uma vasta propriedade. O dito “fazendeiro-pescador” nada mais me adiantou que pudesse justificar uma herdade tão abandonada.

Logo que atracamos, van Dahlen convidou-nos, muito gentilmente, para irmos à sua casa. Como de praxe aceitei o convite, mesmo porque se quisesse conhecer a propriedade teria de fazê-lo antes do escurecer, porque no dia seguinte queria partir bem cedo. Por isto dei as necessárias ordens aos lancheiros determinando que, até a minha volta, preparassem convenientemente a comida.

Porém Van Dahlen, com o seu convite, tinha outros objetivos, pois ao ouvir que comeríamos a bordo da lancha e que também ali pretendíamos dormir, protestou indignado:

- Isto eu não permito de maneira alguma e consideraria uma ofensa à minha família e a mim se não aceitarem minha oferta, disse ele bastante contrariado. Entrementes em seus olhos brilhava algo insólito que não deixou de provocar-me uma estranha repulsa.

- Por favor não se exalte, ponderei tranquilizando-o. Não desejo, em absoluto, ofendê-lo. Se o senhor insiste e faz questão, então passaremos a noite em sua casa. Todavia não pretendo incomodá-lo, e à sua família muito menos, por isto proponho que levemos a nossa comida de bordo para sua moradia a fim de que lá seja aproveitada por todos.

Achei que deveria fazer tal proposta tendo em vista o quanto o homem comunicara anteriormente. Com certeza, na sua casa não se viveria na fartura e além disso eu conhecia a exagerada amabilidade dos regionais que, não raro, queriam oferecer mais do que podiam. Não obstante eu também estava ciente que van Dahlen poderia eventualmente entender diversamente minha proposta e sentir-se ofendido em sua dignidade de dono da casa.

Mas não foi este o caso. Realmente no início van Dahlen baixou a cabeça envergonhado, porém logo a seguir, recompondo-se, disse com sinceridade:

- Certamente, podem trazer a comida - eu já lhes disse, mais ou menos, qual é a minha situação e à noite todos gostam de tomar algo forte. Entretanto nada

tenho em casa e talvez o senhor possa contribuir com uma garrafa de aguardente... e enquanto dizia isto, olhava esperançoso para o interior da minha lancha.

– Ahá! - pensei comigo - agora temos um motivo para a sua gentileza, contudo em voz alta lhe disse:

– Ora naturalmente eu trouxe um garrafão cheio, senhor van Dahlen, depois os homens poderão levá-lo.

Em seguida atravessamos o pomar de laranjeiras, dirigindo-nos no sentido da moradia que já então se apresentava inteiramente devassada diante de meus olhos. Não pude deixar de ficar admirado, pois a edificação era de tamanho significativo, mas, a despeito de sua amplitude, encontrava-se em franca ruína, a ponto de ser impossível imaginar que ainda fosse habitada. Nos arredores a situação não diferia, estrebarias e ranchos em defecção, complementemente cobertos por trepadeiras parasitas, bem como adiante via-se antigas lavouras com pés de café e árvores frutíferas tomadas por ervas daninhas - simplificando, tratava-se de um verdadeiro capoeirão cercado de ruínas. ⁽⁵⁾

Enquanto percorríamos o trajeto entre o trapiche e a casa, estando próximos desta, vimos uma figura feminina com uma criança nos braços saindo de uma dependência muito precária, anexa à construção principal, que, de acordo com a fumaça que saía por uma abertura, deveria ser a cozinha. Pude notar, pelo olhar trocado entre o proprietário e a mulher, que me encontrava diante da Madame Van Dahlen e foi providencial que eu tivesse adivinhado isto, pois não ocorreu qualquer apresentação pelo fazendeiro, que de tão atordoado que ficou com olhar com que a mulher o fitou, já nem pensava mais em fazê-la, esquecendo-se de todas as formalidades restantes.

Todavia que olhar pungente tinha aquela mulher! E quão significativa era a expressão do seu semblante! Nele transpareciam as marcas indeléveis do martírio de sua existência, denotando a intensidade dos melancólicos sentimentos que lhe afligiam a alma: desilusão, insegurança, reprovação, desconfiança, mágoa e tristeza. Estampava em suas faces o estigma provocado por um misto de indiferença e desânimo que sem dúvida era o resultado do desarranjo da sua vida conjugal. O casal era desprovido de afeto e menos ainda possuía o arrebatamento ou o entusiasmo que constituem as paixões. Carecia de qualquer paixão recíproca., deste sentimento que resulta dos contrastes das emoções, inclinações sensuais que se sobrepõem à razão e cujos efeitos são diametralmente opostos, mas que muitas vezes se justapõem - e que são o *amor* e o *ódio*.

Mesmo não sendo grande conhecedor da alma humana, pude de pronto adivinhar, através daquele olhar, o que acontecia naquele casamento. Percebia-se que ela não o amava nem o odiava, bem como não poderia respeitá-lo. Ela o superava intelectualmente e quem sabe até mesmo fisicamente, pois a fraqueza perante os vícios haviam-no destruído irremediavelmente.

A mulher parecia ainda bastante jovem, no entanto, tinha uma aparência sofrida e cansada - via-se que a angústia e as preocupações eram seus constantes companheiros. A criança em seus braços, uma menina, parecia não ter mais que meio ano de vida e como logo vim a saber, era o primeiro e único rebento do casal.

Como van Dahlen não me apresentou, eu próprio o fiz, dizendo para isto as costumeiras palavras. Logo de início a senhora van Dahlen me examinou com um olhar sério e quando terminei minha apresentação, ela repentinamente disse com voz sonora em alemão:

– De acordo com sua aparência, o senhor é alemão de origem, não fala também o alemão?

– Naturalmente, respondi contente, – e eu gosto de falar o alemão. Novamente tive de mirar seus olhos e eles então expressavam tudo claramente - só que diversamente daquilo que antes transmitiam para van Dahlen. Pela sua expressão, era possível entender aproximadamente que pensava o seguinte:

– Você é um bom sujeito, sei disto. Você é um homem de coragem, que não se deixa arrastar para cometer leviandades, arrebatado por baixas paixões.

Em seguida a senhora van Dahlen caminhou adentrando sua casa, convidando-me, gentilmente, a sentar. Depois de ter-me acomodado num banco junto a uma grande mesa, ela dirigiu-se ao quarto próximo, cuja porta estava aberta, colocou a criança num tosco berço e procurou adormecê-la.

Entretanto não foi possível fazê-la dormir, a pequena protestava com altos gritos e a jovem mãe viu-se obrigada a retomar a criança chorosa em seus braços, onde logo se tranqüilizou.

Nisso a senhora Van Dahlen procurou por seu marido, porém não o encontrou. O homem nem mesmo entrara em casa, voltou da porta indo direto em direção à barranca do rio.

– Meu Deus, disse a mulher resignada, – lá vai ele sem nada dizer, quando deveria saber que, trazendo hóspedes, necessariamente, preciso ir à cozinha...

– Oh, senhora van Dahlen, interrompi, não se aflija por minha causa e por meus homens. Não será preciso se incomodar com a cozinha, pois trouxemos nossa comida. Mas se tem algo mais a fazer e a criança a impede, então deixe-a comigo - sei como tratar dela, eu próprio tenho um garoto em casa.

Ditas tais palavras levantei-me e fui até a senhora para pegar a criança.

Primeiro ela, embaraçada, quis rejeitar, mas quando a pequena não se rebelou - ao contrário, estendeu-me os bracinhos, então ela me permitiu. Sentia-me muito feliz pois era como se tivesse meu filho nos braços e quando levantei os olhos, encontrei os dela fixos em mim, e seu rosto entre triste e risonho, denotava satisfação e aqueles olhos... - eu não poderia me enganar -, repentinamente me pareceram os de minha inesquecível Berta.

Quem poderia saber quanto tempo ficaríamos ali, cada qual a vislumbrar no outro lembranças, se van Dahlen não houvesse entrado no recinto acompanhado dos dois remadores que, da lancha, traziam o panelão de feijão, café, açúcar e o garrafão de cachaça, do qual van Dahlen já tomara uma “boa” porção, pois estava bem disposto e falastrão.

O homem antes dessa estimulação alcoólica demonstrara, perante sua mulher, um certo embaraço e depois da ingestão, tonificado, dirigia-se à esposa com autoconfiança e superioridade.

– Lisbeth, vinha ele chamando já de longe. – acende depressa o fogo, o feijão da lancha ainda não está no ponto, precisa cozinhar pelo menos por uma hora.

A senhora van Dahlen, percebendo o estado de seu marido, desviou o olhar e pude observar que a partir de então evitou olhá-lo, passando a receá-lo com a mesma intensidade e de forma idêntica a que antes ele a temera. Sem dizer palavra sequer, desapareceu na cozinha.

Entrementes escureceu e saí da sala para o pátio. Os lancheiros estavam lá parados, olhando em volta ressabiados, mas quando notaram a criança em meus braços, desviaram seu interesse e começaram a brincar com ela. Isto também deu bons resultados e logo a menina estava rindo, engatinhava e se atirava nos braços que estendiam para si.

Van Dahlen não se importava com a criança. Ele andava zanzando de lá para cá, ia da cozinha para sala e vice-versa. Nesta última colocou o garrafão de aguardente, que freqüentemente levantava e quando ia à cozinha sempre falava com sua mulher em voz alta e ríspida que de tão sonora, mesmo no pátio, se ouvia todas as palavras:

– Rápido, Lisbeth, os homens têm fome! Apressa-te para que possamos ir à mesa. Por que demoras tanto? Teu patrício alemão vai ficar impaciente..... !

Tais palavras e outras semelhantes, gritava para dentro da cozinha. Mas de lá não vinha resposta, só se ouvia o crepitar do fogo e o tilintar da louça. Quando o feijão ficou pronto, a senhora van Dahlen colocou a comida na mesa e enquanto nós homens, sentávamo-nos e com apetite nos servíamos, ela cuidou da criança, colocou-a no berço e lhe deu a mamadeira. A pequena, seu nome era *Aída*, ficou cansada com as brincadeiras no pátio e logo adormeceu. Assim a senhora van Dahlen também pôde sentar-se à mesa e alimentar-se um pouco.

Van Dahlen ainda continuava muito falante, contudo só conseguia dizer frases recortadas ou incompletas, que talvez alguém mais familiarizado consigo pudesse entender, mas para mim nada mais eram que puro grego.⁽⁶⁾

Dissertava sobre as riquezas que o mercado de escravos proporcionou no passado e ainda de tesouros ocultos, além de outras quimeras mirabolantes. Depois de ter se empanturrado com o jantar, caiu fechando-se como um canivete e caso não tivesse naquele momento se retirado, cambaleando para o quarto, não demoraria

para, desprovido de qualquer energia, ir ao chão ali mesmo, esborrachando-se debaixo da mesa.

Sua mulher se envergonhava do marido e, baixando os olhos para o prato, terminou de comer e a seguir começou a tirar a louça da mesa. Não demorou para ouvir-se o ruído do cavernoso ronco que provinha do quarto, anunciando que o dono da casa estava dormindo - a curar sua bebedeira - e como meus dois lancheiros também pareciam querer descansar, fizeram menção de ir à lancha onde tínhamos nossos leitos.

O trapiche distava somente alguns passos, por isso não seria preciso incomodar a dona da casa com o preparo de acomodações para dormir e, quando ela retornou da cozinha, gentilmente lhe comuniquei que nos retiraríamos até a lancha para dormir.

Entretanto, ela ficou completamente desconcertada com esta minha comunicação. Parecia que minha intenção lhe havia causado inesperado desconforto. Inicialmente não lhe foi possível nem mesmo responder, até que afinal conseguiu, a duras penas, dizer algo:

- Sim, sim...compreendo que em sua lancha, com certeza possui boas camas e aqui só lhes posso oferecer uma esteira para estender no chão. Isto desculpa a sua resolução de dormir lá, mas para mim é...

Não deixei que continuasse a falar. Ela se expressava com um olhar profundamente tristonho que me lembrava novamente os olhos de Berta e confortando-lhe disse decidido:

- Se nossa ida à lancha para pernoite a entristece, então ficaremos aqui. E com relação às nossas dormidas, posso lhe adiantar que a bordo nada mais possuímos além de esteiras, portanto não dormiremos pior que lá.

Percebi como a mulher respirou aliviada com minhas palavras.

- Nisto também acredito, disse ela com convicção. Os senhores certamente dormirão aqui da mesma forma que na lancha, pois lá com toda a mercadoria mofada na "cabine", não deve ser nada agradável permanecer nestas noites abafadas, o que torna o lugar ainda menos saudável.

Foi então que me recordei daquilo que meus remadores haviam me falado naquele dia sobre a "febre do brejo", que ainda existiria na região e por isto lhe disse:

- Certo! A senhora tem toda a razão, pois já havia me esquecido que meus lancheiros quase se rebelaram quando lhes comuniquei que pretendia me dirigir para o ancoradouro na "Barra Morta". Alegaram que aqui grassava a "febre do pântano" e poder-se-ia contraí-la facilmente no caso de não serem tomadas as respectivas cautelas na procura de uma acomodação segura para dormir.

- A febre, disse a senhora van Dahlen, dirigindo um olhar melancólico e irônico para meus dois ajudantes. - Febre..., aqui ainda não tivemos. As pessoas te-

mem outra coisa, porém eles tiveram vergonha de contar-lhe, por isto a “febre” foi o pretexto que encontraram para seu medo.

Os homens não entendiam o alemão e por isso não souberam como tinham sido delatados, todavia aos poucos comecei a entender o motivo dos dois estarem sempre a olhar tão assustados à sua volta.

– Pois então, disse-lhe eu, – não deverá ser tão difícil descobrir qual a razão deste comportamento; certamente imaginam que por aqui perambula algum duende ou fantasma ou quem sabe, até algo mais.

Assim falando eu fazia uma cara estampando superioridade, pois sempre considerei as histórias de fantasmas como tolices da “marca maior”. Para mim quem acreditasse na existência de fantasmas não era pessoa racional, mas sim carente de tratamento.

Contudo a mulher ficou extremamente séria após esta minha definição. Olhou novamente por longo tempo para mim e tornei a ver no seu olhar diversas concepções - porém desta vez eram constituídas de indagações:

– É mesmo esta a sua firme convicção? Será que permanecerá irredutível? - E caso tenha razão, o que seria de mim, pois não tenho a mesma opinião. Mas se restringiu a dizer com voz muito clara:

- O senhor tem razão, trata-se de um fantasma. No entanto até hoje não incomodou estranhos e caso ele - disse indicando com um movimento de cabeça o quarto onde o marido roncava -, não tivesse, durante suas bebedeiras, dado com a língua nos dentes e falado a este respeito, ninguém mais além de mim e ele próprio, saberia do caso e a *Barra Morta* não teria a péssima fama que atualmente possui.

Depois destas afirmações ditas com muita decisão, a senhora van Dahlen virou-me suas costas e entrou no quarto de onde trouxe algumas esteiras, cobertores e travesseiros, colocando-os num canto da sala onde preparou as dormidas para mim e meus homens.

– Será preciso acomodá-los na sala de jantar, disse um pouco embaraçada, – pois no resto das dependências do “castelo”, e nisso pronunciou acentuadamente e com muita ironia a palavra “castelo”, – não há condições para o recebimento de hóspedes.

Terminada a arrumação dos lugares para dormir, ocorreu um silêncio singularmente embaraçoso. O que faria então? Iria dormir junto com meus ajudantes? Isto implicaria em obrigar a senhora van Dahlen a recolher-se também a seu quarto - e talvez não fosse o que lhe convinha, além do mais eu não estava com sono. Entretanto se ficasse acordado, poderia incomodar a patroa que presumivelmente estaria cansada e necessitava dormir! Entrementes percebia-se que a mulher tinha preocupações semelhantes.

Finalmente um dos lancheiros, quebrando o silêncio, despertou-nos do constrangedor impasse, quando ao dirigir-se à senhora van Dahlen, perguntou-lhe se

haveria alguma objeção a contrapor caso ele e seu companheiro, antes de dormir, jogassem por algum tempo cartas, ali mesmo na mesa - pois ambos não estavam cansados o bastante para logo dormirem.

Amável, prontamente a dona da casa respondeu que não havia nada contra e que se isto não me incomodava, poderiam jogar o tempo que desejassem. Com naturalidade garanti que não me importaria com o jogo e que também não estava com sono. Sem mais, os lancheiros trataram de arrumar as cartas que trouxeram consigo e iniciaram a partida.

A senhora van Dahlen tornou à cozinha de onde retornou com um grande bule de chá, xícaras, colheres e açúcar, tudo muito a meu gosto. Busquei o garrafão de cachaça e pus boa dose no meu chá e depois da dona da casa sentar-se à minha frente com seu trabalho de costura, a sala adquiriu um toque bem aconchegante.

No princípio não houve pretexto algum que pudesse dar motivo ao estabelecimento de conversação. Os lancheiros estavam absortos com seu jogo, a senhora van Dahlen parecia ter olhos somente para o vestidinho que estava costurando para Aída e eu pensava em meu filho, que havia ficado em casa. De repente era como se estivesse novamente em meu lar com minha mulher sentada à minha frente - mas isto nada mais era que um instantâneo sonho, um "dèjá vu" - pequeno lapso de sensação retrospectiva de que se é tomado mesmo quando acordado. Logo retornei à realidade e sem querer endireitei-me suspirando.

A senhora van Dahlen olhou, compreensiva, para mim.

- O senhor deve ter pensado neste momento em alguma coisa triste. Será que há alguém de sua família doente em casa e agora se preocupa com isto?

- Oh, não! respondi. - Meu filhinho estava com saúde e alegre quando parti e ninguém mais tenho por família, pois minha Berta já morreu há quase um ano.

- Então também sei no que pensou, disse a senhora van Dahlen com convicção. - Não quer contar-me sobre a desgraça que se abateu sobre si?

Em outra ocasião e para outrem, com certeza eu não teria falado sobre a minha felicidade e a desgraça que a esta sobreveio. Mas naquela noite sentia-me bem disposto, não me passavam pela cabeça os ressentimentos que geralmente me assaltavam a memória com as lembranças dos tristes percalços que as ciladas da vida me pregaram, ademais havia aquela mulher sentada à minha frente!

Ela não me parecia uma estranha - e eu sentia isto, sua proximidade mostrava-se tão tangível e íntima quanto a de meu filho, e eu próprio não podia explicar como tal acontecia. Não obstante meus sentimentos se manifestavam, motivo porque não pude deixar de contar-lhe minha história.

Contei-lhe tudo detalhadamente e enquanto relatava recordei todos os episódios que até então o destino me fez percorrer na vida. À medida que desenvolvia meu relato, a entonação da minha voz ia paulatinamente modulando minhas reflexões. Como estivesse com a cabeça apoiada em minha mão enquanto falava, dei-

xando o olhar vagar para o incerto, nem percebi a impressão que minha história pudesse estar provocando na senhora van Dahlen. Somente quando concluí atentei que ela olhava atônita e comovida para mim, além de a muito custo conseguir reter as lágrimas, quando finalmente soluçou alto e chorando copiosamente escondeu o rosto no avental branco.

– Meu Deus, exclamei me levantando, – agora cometi um deslize. Mas mesmo assim não sabia como poderia me desculpar ou remediar alguma indiscrição.

Aos meus lancheiros que assustados se levantaram sem saber o que se passava, dei rápida satisfação do ocorrido e, quando ouviram os motivos que comoveram a senhora van Dahlen, eles os acharam naturais, e sorrindo, apesar de penalizados, continuaram o jogo.

Nesse ínterim a senhora van Dahlen também se acalmou, ainda soluçava um pouco e enxugava continuamente os olhos, mas podia-se perceber, claramente, que seus nervos haviam se acalmado.

– Graças a Deus, falei confortando-a, – a senhora quase recuperou a tranqüilidade e, creia-me - se soubesse que minha história lhe causaria mágoa e dor, teria permanecido calado.

– Não, não, interpôs ela, – lhe agradeço por ter-me considerado digna de ouvi-lo, depois de tão breve conhecimento, a história de sua vida, infelizmente tão triste. O que me fez chorar não foi alguma mágoa que me provocasse abalo nervoso, fiquei sensibilizada e comovida pela maneira como foi atormentado na vida. Pois veja, justamente, eu mesma, apesar de não ter sido abençoada com semelhante felicidade familiar, posso muito bem avaliar como a sua existência foi imensa e grandiosa. Também posso imaginar quanta dor lhe deve ter custado a perda desta sublime felicidade.

Enquanto ela falava, olhava para mim e eu via minha Berta novamente em seus olhos. Da mesma forma não pude deixar de ficar profundamente sensibilizado por sua enternecida concepção da história que o destino me reservara na vida e muito não faltou para que eu também chorasse, no entanto, controlei minhas emoções e procurei levar a conversa para outros rumos.

– Seu interesse por minha história, ao mesmo tempo me honra e alegre, afirmei-lhe, – mas agora vamos falar de outra coisa.

Não obstante estava ciente de que tais sentimentos não poderiam, tão vertiginosamente, ser controlados e substituídos por uma conversação trivial. Melhor seria que o fosse por alguma que mantivesse similitude, por isso logo transformei em palavras a minha idéia, propondo condicionalmente:

– Talvez agora a senhora possa me contar a sua história....ou isto seria lhe pedir muito?

Ela sacudiu a cabeça. – Como ser-me-ia permitido deixar de considerar o seu pedido uma exigência? Disse ela já então serena e com voz firme. – Depois que o

senhor abriu-se tão espontaneamente para mim, como poderia eu deixar de pagar-lhe na mesma moeda? Ainda mais quando tudo que me cerca nesta ruína de *fazenda* deverá lhe parecer muito estranho?

Ditas estas palavras apanhou mais uma vez o bule de chá, enchendo nossas xícaras e depois de ter-se acomodado, iniciou o seu relato:

– Quanto a mim, pessoalmente, não há muito para contar. Sou filha única de um casal de colonos que se estabeleceu rio acima, na colônia, onde cresci bem e mal, como costuma acontecer na região, contudo, eu era feliz. Depois de ser “confirmada”, conforme o costume, passei a ser empregada doméstica junto a uma família da localidade principal, no centro urbano, pois apesar de na colônia as moças aprenderem os serviços da roça, precisavam também conhecer os trabalhos de casa. Empregando-se numa casa de família na cidade, resolviam o problema matando dois coelhos de uma só cajadada, aprendendo o que ainda lhes faltava complementar e além disso ganhava algum dinheiro.

Depois de já estar por algum tempo na cidade, em curto intervalo, meus pais faleceram e a partir de então encontrei-me sozinha neste mundo. Não me deixaram herança alguma, pois a propriedade colonial ainda pertencia ao Governo e o pouco que havia nela foi vendido para poder liquidar as dívidas que meus pais tinham contraído no armazém.

Então eu ainda era muito jovem e além disto levava muito a sério o luto por meus pais. Assim, no meu primeiro ano de serviço me retrai, afastando-me de todas as diversões - ficava sempre em casa e desta maneira não travei amizade com colegas de serviço.

Com o passar do tempo tal atitude me cansou e procurei contato com minhas colegas, passando a participar de bailes e outras diversões, mas isto em nada agradou aos meus patrões. Estes, conforme eu soube, ficaram muito contentes quando me empregaram, pois haviam finalmente encontrado uma “verdadeira empregada”, uma dessas que desde manhã bem cedo até altas horas da noite trabalhava como uma escrava e que permanecia sempre em casa, cuidando das crianças quando os pais iam aos bailes e ao teatro.

E então isto iria mudar? Os patrões não ficaram nada satisfeitos, não queriam entender-me, por isto nos separamos, porém de imediato consegui novo emprego. Os novos patrões eram mais compreensivos, provavelmente ainda não tinham sido mal acostumados neste sentido. Entretanto a mim própria em nada me agradava aquela vida. Revoltava-me quando um cocheiro ou peão qualquer, num salão de baile me arrastava brutalmente de um lado para o outro e ainda me perseguia no caminho para casa, porque me queria ter algum tempo a título de rapariga para seu entretenimento.

Foi quando ouvi falar que a vida para uma empregada numa região brasileira, isto é, junto a uma família luso-brasileira, era bem mais agradável e resolvi procurar

um trabalho num lugar daqueles. Isto não foi muito difícil pois as empregadas de origem alemã eram bastante requestadas por famílias brasileiras. Assim, determinado dia mudei-me para a cidade portuária do Santíssimo Sacramento, onde fui trabalhar na casa de uma família muito bem conceituada.

Lá chegada, não me disseram muito sobre o que fazer e meus serviços eram ali bastante diferentes dos que havia executado entre as famílias de alemães. Evidentemente era preciso trabalhar, mas quanto ao resto era tratada como se pertencesse à família. Quando ia fazer alguma compra no comércio, exigiam que me vestisse direito e nunca me permitiram que fosse à rua descalça. Sempre que havia um baile, uma festa ou outro espetáculo qualquer, invariavelmente me lavavam consigo, apesar de todos saberem que eu era apenas uma empregada - todos, indistintamente me tratavam com amabilidade.

Meus patrões freqüentemente recebiam hóspedes e convidados à mesa - melhor explicando - não ocorria que dessem banquetes ou preparassem previamente almoços ou jantares, tinham porém o delicado costume de convidar, quem lhes estivesse visitando naquele momento, para participar da refeição familiar.

Desta maneira conheci meu marido Johann van Dahlen. Também ele, numa daquelas ocasiões fora convidado e durante o almoço, pela conversa, vim a saber que por diversas vezes ele já estivera naquela casa.

Johann ou o Sr. João, como o chamavam meus patrões, tornou-se para mim atraente devido a sua maneira de ser e pela sua vestimenta, que diferia de qualquer outro morador da cidade ou mesmo do interior. Pela sua indumentária dava a impressão de ser um engenheiro ou talvez um fazendeiro - usava polainas de couro amarelas e vestia calças "Manchester Hose" de veludo marrom com o paletó justo ... de cor preta, abotoado até o alto. Toda a sua aparência era muito estranha e esquisita, emoldurada pelo rosto inexpressivo com aquele olhar difuso, sem brilho e pouco significativo que nada transmitia. Enfim, repetindo o velho ditado: "o hábito faz o monge", e com isso conseguiu fazer-se notado. Afinal achei van Dahlen interessante e como ele mesmo posteriormente me confessou, disse ter sentido o mesmo por mim, fosse pela roupa que eu vestia ou pela minha maneira de ser que reuniam, a só tempo, a qualidade de uma dama da cidade às de uma moça do campo.

A partir dali van Dahlen passou a comparecer com mais freqüência na casa e logo não havia mais dúvida de que o motivo disto era eu. Parece que meus patrões também apoiavam a causa, pois quanto mais o jovem aparecia, tanto mais o convidavam para retornar.

Certo dia van Dahlen encontrava-se novamente à mesa e quando terminou a refeição, despediu-se rapidamente e, conforme disse, teria ainda que resolver alguns negócios, mas à noite voltaria para participar do jantar. Achei esse procedimento um tanto estranho, pois antes van Dahlen jamais estivera na casa à noite.

Também notei-lhe um certo embaraço e, além disso, percebi um olhar carregado de significativa cumplicidade, trocado entre meus patrões.

Concluída a retirada da mesa e depois de pronto o trabalho na cozinha, a dona da casa chamou-me ao seu quarto. Estava muito amável e convidou-me para sentar no sofá. Pressenti imediatamente que algo importante me seria comunicado.

– Minha querida menina, disse ela afinal, depois de algumas trivialidades sem importância, – na certa já sabes sobre o que vou te falar.

– Não, respondi confusa, – não faço a menor idéia. Mas enquanto assim respondia, uma voz em meu interior me repreendia declarando: – Tu mentes, sabes muito bem que se trata de van Dahlen!

Nisso a dona da casa olhou para mim com manifesta expressão de dúvida. – Muito bem, foi dizendo devagar, – você é uma alemã e entre os alemães os costumes são diferentes. Entretanto te digo que se fosses uma brasileira, já saberias, há tempo, o que o senhor van Dahlen pretende com as suas repetidas visitas. Sem dúvida terias entendido as suas palavras ditas ao meio dia e percebido a razão do seu retorno ainda hoje à noite.

Enrubesci. Na verdade não havia motivo para envergonhar-me ou ficar encabulada, porque até aquele momento não havia suposto que van Dahlen me houvesse escolhido. Foi lá no quarto da minha patroa que tudo, num repente, se tornou claro. Esboçando um sorriso, ela continuou:

– Vejo que você me entende e com isso fico satisfeita. Contudo, inicialmente, desejo saber como está seu coração. Diga-me com sinceridade e claramente:

– Deseja aceitar a oferta do senhor João ?

Com esta pergunta feita de supetão, fiquei realmente assustada. Até minutos antes não sabia, com precisão de que assunto trataríamos e de chofre me colocavam a “pistola no peito” para decidir uma questão de tamanha magnitude.

– Minha senhora, disse finalmente balbuciando, – como pode exigir que eu dê prontamente uma resposta decisiva a uma indagação tão grave?

A resposta aí está, asseverou a dona da casa, sorrindo.

– O «sim», exprimindo a concordância, uma moça jamais pronúncia com tanta rapidez, todavia para expressar negação com o «não absoluto», sempre há muita pressa e determinação, caso não hajam impedimentos, condicionando um eventual assentimento afirmativo.

Quando quis lhe responder, a patroa prosseguiu tranquilizando:

– Ainda tens tempo para analisar a sua proposta. Ao meu marido e a mim muito agradaria se você viesse a se tornar a esposa do senhor João, nosso conhecido desde pequeno e de quem igualmente conhecíamos os pais e avós. Sabemos que precisa de uma mulher fiel, trabalhadeira e de caráter firme como você. Ele necessita de uma moça ao seu feitio, não uma boneca empetecada da cidade, ou de uma cabocla que o faria infeliz. É justamente por isso que gostaríamos de ver acontecer

o casamento de você com o senhor João, todavia nos sentimos na obrigação de antes te contar tudo quanto sabemos, a fim de que não sejas influenciada por impressões falsas, que possam te iludir e levar-te a dar, através destas, teu consentimento para, mais tarde, nos acusares de omissão das devidas informações.

Ainda esbocei a vontade de argumentar, pois todo este assunto me envergonhava um pouco, porém a dona da casa não permitiu que a interrompesse.

– Fique quieta e ouça, disse autoritária. – Depois poderás fazer o que bem entenderes.

E começou a contar:

– O velho van Dahlen, avô do senhor João, aqui imigrou pelos idos de 1845, na época em que um engenheiro flamengo tinha instalado, algumas léguas rio acima, uma Colônia Belga. Essa colônia nunca se desenvolveu a contento, os imigrantes belgas, em sua grande maioria retiraram-se; entretanto nem todos voltaram à sua pátria na Europa - alguns assentaram-se pelas vizinhanças ou fixaram-se nas cidades como operários ou comerciantes. O velho van Dahlen, no início, nem mesmo estabeleceu-se na colônia e, como trouxera um pequeno capital, imediatamente adquiriu do Governo, “uma légua” de terras, o que naquele tempo não era difícil de se obter. Não obstante de nada lhe adiantaria possuir aquele latifúndio, caso lá não se fixasse como colono e fosse trabalhar na agricultura. A contratação de empregados igualmente não lhe era possível, porque se de um lado lhe faltavam os meios para tanto, por outro a colheita jamais cobriria os custos, tendo em vista que, naquela época, os produtos agrícolas só alcançavam preços muito reduzidos. A agricultura em escala expandida, era então procedida mediante o emprego de trabalho escravo, mas estes custavam muito dinheiro, mormente tendo em conta que a vinda de novos servos trazidos da África já fora proibida há algum tempo. Além do mais tais medidas restritivas ao tráfico dos negros provocaram o constante encarecimento do mercado dos que aqui haviam, de modo que van Dahlen não podia nem pensar em comprá-los.

Contudo encontrou uma saída para o impasse. Havia uma rica família de origem portuguesa que ainda comercializava, secretamente, negros vindos da África. Os negros eram transferidos, ainda em alto mar, para embarcações menores, as quais podiam, sem maiores dificuldades, adentrar a barra do rio e então seguiam navegando rio acima, dissimulando desta maneira o tráfico dos escravos que desta forma deixavam de ser desembarcados de bordo dos navios negreiros oceânicos nos portos do litoral.⁽⁷⁾

O velho van Dahlen, envolvendo-se com os mercadores, passou a ser cúmplice dos traficantes negreiros, assumindo a recepção dos novos escravos que internava na sua *fazenda* para adaptá-los às condições do pesado trabalho. Quando terminava, em alguns meses, o período de treinamento, os comerciantes, proprietários daqueles negros, os buscavam para vendê-los nas regiões mais ao norte do país.

O velho van Dahlen, desta maneira, não só se aproveitava do trabalho escravo na sua *fazenda*, como ainda recebia recompensas da rica família do mercador por sua cumplicidade no acobertamento da operação ilegal. Como pagamento recebia geralmente um ou mais escravos, tudo de conformidade com o número destes que havia adestrado nos serviços e ensinado a falar a língua do país. Foi desta maneira que van Dahlen progrediu rapidamente, e quando, passados alguns anos, terminou o contrabando de escravos, que entrementes havia se tornado um negócio muito perigoso de ser praticado neste lugar abandonado da costa, o homem já não tinha mais necessidade de persistir na sua prática, pois já era proprietário de mais de duas dúzias de saudáveis cativos. Nisso ordenou que lhe construíssem amplas dependências, tais como residência e galpões, mandando instalar engenhos de açúcar e farinha, além de iniciar, na sua fazenda, que se chamava "*Barra Morta*", uma criação de gado em grande escala.

Todas essas benfeitorias agrícolas e serviços produtivos proporcionaram-lhe o ingresso de dinheiro que ele, em pouco tempo, tinha aos borbotões - e esta era a expressão que empregavam naquela época e tida como notória realidade. No entanto era preciso considerar que então as pessoas ricas não depositavam seu dinheiro em Bancos ou Caixas Econômicas, guardando-o, em moedas de ouro e prata, na sua própria casa.

O velho van Dahlen e sua mulher tinha dois filhos: a de maior idade, uma menina, casou-se ainda jovem com um brasileiro da costa, a quem deu bom dote. Com isto ela deveria ter-se dado por satisfeita, pois a *fazenda*, conforme desejavam os velhos, caberia ao segundo filho, um rapaz de nome Heinrich ou Henrique como era conhecido.

Henrique também deu-se muito bem na vida, era trabalhador, econômico e correto. O velho, se bem que estivesse satisfeito com essas qualidades de seu filho, desejava igualmente apresentar-se acompanhado de seu filho perante os demais colonos, pois dinheiro não lhe faltava. Nada obstava que vez por outra fizesse alguma viagem de lazer a lugares próximos para representar a casa «van Dahlen», e certamente nalguma dessas ocasiões teria oportunidade de avaliar, para afinal escolher uma moça que pudesse tomar por esposa, pois havia muito tempo que já estava na idade de casar.

Heinrich van Dahlen nada queria saber disso. Se alguma vez cumpria a exigência de seu pai para viajar a negócios ele mais que depressa resolvia os mais necessários, a fim de não retardar a volta para casa, onde novamente se atirava com afinco ao trabalho.

Diante do sexo frágil, parecia fugir de medo e quando o velho o repreendia dizendo que já era tempo de procurar uma companheira, ele, submisso, não rejeitava a idéia, mas procurava esquivar-se de todas as maneiras.

Depois que o velho van Dahlen percebeu que o filho permaneceria eternamente contemporizando, resolveu que não havia mais tempo a perder e, junto com sua esposa, começou a interferir, forçando algo no destino, quando através de visitas de cortesia procurou dirigir a atenção do filho para uma moça, filha de um modesto colono próximo dali estabelecido. Nisto os velhos tiveram sucesso e certo dia Henrique pediu a moça em casamento - e, como era costume naquela época, pediu-a só aos pais da pretendida. Até então não trocara uma só palavra com a moça, que nada sabia a respeito, fosse por um olhar ou um aperto de mão que pudesse dar a entender que ele a queria bem. Ela provavelmente ficou muito surpresa, quando soube que Henrique van Dahlen a desejava para esposa, mas como os pais tinham concordado, nada mais lhe restava fazer, como filha educada, que também aquiescer.

O jovem par logo casou e parecia que os dois velhos só haviam esperado pelo enlace, pois alguns meses depois, morriam sucessivamente em curto lapso de tempo. Após a morte dos velhos van Dahlen, apareceu a irmã de Henrique e exigiu, com muito alarde, sua parte na herança. Henrique achou a pretensão da irmã um atrevimento desmedido, pois seu pai sempre lhe repetiu que a irmã já recebera, por ocasião do casamento, tudo quanto lhe coubesse de direito. Contudo ele afinal lhe deu mais uma boa soma em dinheiro, depois de receber da irmã a promessa de que não faria mais exigência alguma.

O casamento de Henrique ia bem. Ambos sabiam que não tinham casado por amor e assim respeitavam-se mutuamente - poder-se-ia dizer que eram felizes, um ao lado do outro. Todavia passados alguns meses ocorreu uma mudança radical quando, repentinamente, explodiu em Henrique van Dahlen uma enorme e ardente paixão por sua jovem esposa. A circunstância em si nada tinha de ruim, muito pelo contrário, seria até normal se a jovem esposa tivesse correspondido ao amor do marido. Porém este não era o caso. Enquanto Henrique a tratou com respeito e serenidade, ela lhe correspondeu da mesma forma, cumprindo suas obrigações de esposa. Entretanto, com a alteração de comportamento, ele passou a assediá-la com todo o fogo de sua paixão e ela, melindrada, procurou de várias maneiras fugir dessas manifestações de amor. Naturalmente isto foi percebido pelo marido que buscou refrear o seu amor, ao mesmo tempo que seus sentimentos passaram a ser dominados pela desconfiança.

Henrique van Dahlen, que nunca saía e em lugar algum sentia-se mais feliz do que em sua gleba, de repente passou a perambular pelas vizinhas, sentindo prazer em vagar por dias, e nestas andanças acontecia que o homem, até então muito sóbrio e comedido, passou a se embebedar. No entanto, com este procedimento perseguia um só objetivo: descobrir algum indício que a desconfiança contra a sua jovem esposa lhe soprava no ouvido. E finalmente chegou o dia em que conseguiu. Um jovem morador nas vizinhanças da casa de seu sogro disse-lhe certa ocasião,

enquanto bebiam, que a jovem esposa de Henrique, antes do casamento tivera um “namoro” com o filho de um colono.

Henrique, ouvindo isto, ficou com tanto ódio que o moço que lhe narrou a novidade retirou-se apavorado, temendo que ainda fosse responsabilizado pelo acobertamento do antigo namoro da mulher. Henrique ao retornar à sua casa fustigou a esposa censurando-a com acerbas e baixas palavras pelo namoro, tempos antes, com outro, além de acusá-la de haver sido o “caso”, o motivo de sua aversão por ele.

A pobre mulher amedrontada, sentindo-se pura de corpo e alma, pensou poder enfrentar melhor a ira do marido se lhe contasse tudo detalhadamente. E assim procedeu de forma calma e tranqüila, contando que realmente, antes de se tornar sua noiva, sentira-se atraída por outro homem - mas nunca este amor tinha sido revelado por uma palavra ou gesto, e o moço, a quem admirava, também jamais se permitiu alguma liberdade para com ela. Depois que noivou com Henrique, dominou por completo o amor pelo outro jovem, dando ainda como prova a de que nos primeiros anos de seu casamento aquele moço estivera por várias vezes na *fazenda*, porém ela o enfrentou sempre fria e serena, sem demonstrar qualquer sentimento pelo outro.

Se a mulher pensou que fazendo tais revelações ao marido poderia acalmá-lo, então enganou-se redondamente. Henrique já estava vibrando de ódio ao receber de sua mulher a confissão daquele antigo namoro à distância. E quando, para agravar, soube que o referido jovem esteve na *fazenda*, seu rancor tornou-se incontrolável. Acusou-a da prática das piores prevaricações e baixezas, declarando, curta e precisamente que não reconhecia o filho que ela esperava como seu. Ela que o levasse ao amante.

A partir daquele momento acabou-se, definitivamente, a felicidade na *Fazenda Barra Morta*.

Henrique van Dahlen andava carrancudo pela casa e tratava sua mulher como escrava. Ela só se admirava que não fosse expulsa da *fazenda*, mas a desconfiança do marido certamente ainda não era absoluta, pois recuava diante dessa medida extrema.

A criança nasceu e era um menino - João van Dahlen, e é por causa dele que lhe conto tudo isto; porém retornando à minha narrativa, - quando a criança veio ao mundo, Henrique deu a impressão de que recuperara um pouco a razão, pois foi olhar a criança.

Tanto ele como as mulheres da vizinhança ou outros visitantes que foram ver o bebê, logo identificaram traços característicos da família van Dahlen no pequenino, e Henrique chegou a esboçar um sorriso de felicidade em seu rosto. Entretanto logo a seguir foi novamente tomado pelo antigo ódio. A partir de então deixou de

maltratá-la com palavras de baixo calão, mas nem por isso corrigiu sua atitude - simplesmente passou à ignorá-la, bem como ao pequenino João.

E assim passaram-se semanas, meses e anos e nesse ínterim Henrique van Dahlen acabou se cansando da administração da *fazenda* que tanto amava. Vendeu a maioria dos escravos e deixou que a casa e outras instalações coloniais se arruinassem.

- Ele não tem mais necessidade deles - possui pilhas de caixões de ouro e prata e não sabe o que fazer com tanto dinheiro, - assim falavam na época e era de supor que fosse verdade, porque o velho van Dahlen, com toda certeza, lhe deixara uma respeitável fortuna, acrescida ainda de todo o colossal lucro dos últimos anos!

Certa ocasião, quando João tinha cerca de oito anos e se encontrava com sua mãe em visita a parentes, Henrique van Dahlen adoeceu inesperadamente. Foi atacado por uma espécie de febre que o levava a constantes delírios - e neste estado de perturbação mental que a sezaõ provocava, chamava sempre por sua mulher e pelo filho. Naturalmente enviaram logo mensageiros para buscar a senhora van Dahlen e o pequeno João, mas como os dois estavam distantes duas jornadas de viagem, passaram-se dois dias até que retornassem à *Barra Morta*. Quando afinal chegaram, Henrique van Dahlen já havia morrido.

Consoante o relato do escravo que tratou dele nos últimos dias, seu patrão clamou, em seus delírios, insistentemente por sua esposa e filho. Percebendo que se aproximavam seus derradeiros momentos de vida ele, recuperando os sentidos, chorou de dor ao ver-se perto do fim, sem poder, ao menos, ter junto de si a sua família. Depois pediu ao escravo que lhe trouxesse papel e lápis pois precisava deixar uma mensagem importante à mulher. Mas quando o negro voltou com o pedido já encontrou seu patrão morto.

A senhora van Dahlen lamentou sinceramente a morte do marido, apesar dele, na verdade, não ter merecido o sentimento de pesar. Em seguida ela procurou administrar a *fazenda* da qual até então pouco tinha visto, pois vivia isolada, só se incomodando com a cozinha e a vassoura e nesse confinamento pouco sabia da situação das pastagens e da criação de gado.

Foi então que fez uma triste descoberta - não existia mais qualquer economia doméstica, tudo esgotara-se. Dentro e fora só haviam ruínas, descobrindo além disso que só restavam alguns trocados em caixa. Enquanto a senhora van Dahlen ainda quebrava a cabeça tentando descobrir onde ficou o dinheiro, apareceu novamente a irmã de Henrique tornando a exigir a sua parte relativa a metade da herança de seu pai, ameaçando que em caso contrário iria ao tribunal pleitear a parcela que lhe corresponderia, tanto em terras como em dinheiro.

Depois dessa amável cunhada ter sabido que não havia dinheiro algum e que a administração da *fazenda* estava arruinada, com o gado quase desaparecido por completo, ficou de tal maneira possessa, que passou a acusar a pobre senhora van

Dahlen de furto do ouro e da prata, correndo logo à justiça para reclamar sua herança.

Com todos estes agravos a senhora van Dahlen teve que enfrentar tempos muito difíceis.

Enviaram comissões de servidores da justiça para vistoriar a casa a procura do tesouro desaparecido, e a pobre mulher era vista como uma ladra. Quando afinal terminou o intrincado processo, ela ainda teve de arcar com a elevada soma das custas judiciais. Mas assim procedendo, ao comprometer-se a pagar aos poucos as ditas custas, a senhora van Dahlen, pelo menos, salvou para si e para seu filho, toda a herança em litígio. A gananciosa cunhada que naturalmente se negou a contribuir nas despesas judiciais, foi por isso mesmo definitivamente excluída da questão e impedida de fazer qualquer outra reivindicação, e ainda deu-se por muito satisfeita por ter a viúva van Dahlen acertado, isoladamente, os encargos do processo.

A mulher passou a trabalhar com grande perseverança e ajudada pelos poucos escravos que ainda lhe restavam, a *fazenda* retornou, paulatinamente, ao que fora antes. A sorte também fez a sua parte e em pouco tempo foi possível saldar seus compromissos.

E assim passaram-se novamente alguns anos e com João já crescido, sua mãe não quis deixá-lo sair de casa para estudar. Para suprir essa necessidade, a mãe contratava professores baratos para lhe ministrar aulas em casa, entretanto os mestres eram freqüentemente substituídos, implicando em que, desta forma, o rapaz só apreendesse o elementar, que era o mínimo imprescindível para a vida.

– Muito bem, disse então a dona da casa quando chegou a esse ponto da história e dirigindo-me um olhar perscrutador continuou:

– Este é só o preâmbulo - o essencial sobre o senhor João ainda virá, e quando ela percebeu o meu rosto um tanto surpreso, prosseguiu:

– Mas não deve recear, porque não abusarei da sua paciência por muito tempo. O que tenho a dizer especificamente sobre o senhor João é pouco, mas é preciso que você saiba os antecedentes para melhor entendê-lo.

A patroa depois de olhar alguns minutos à sua frente, retomou a narração: Portanto João van Dahlen não aprendeu muito. Mal sabe ler e escrever e infelizmente sua mãe também não o incentivou no aprendizado de algum ofício e assim ele continuou sendo, por longo tempo, um filho mimado pela mãe. Depois de crescido logo se entusiasmou pela vida na cidade. Assumiu a venda dos produtos da *fazenda* que procedia em Santíssimo Sacramento e desta maneira vinha muitas vezes para cá - e isso foi um grande erro.

(Continua na próxima edição...)

NOTAS DE FIM

1- Confirmação: Sacramento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, habitualmente prestado aos quatorze anos do indivíduo, mediante sua manifestação espontânea em confirmar o sacramento do batismo.

2- Lancha: embarcação que à época era empregada no rio Itajaí Açu para o transporte em geral, e à qual os luso-brasileiros, no século passado, denominavam "BOTE". Em virtude da embarcação em lide ter sido impulsionada mediante o uso de varejões, (somente canoas e bateiras eram impelidas por remos) e quando possível por velas, a sua utilização deve remontar à data anterior à 1878, porque a partir de então as "chatas" e balsas cargueiras passaram a serem rebocadas, em longa fila, pelo vapor "Progresso".

3- Barra Morta: "Barra" na acepção de saída para o mar. Um segundo canal extravasor do rio Itajaí Açu, com embocadura antes da confluência com o Itajaí Mirim, com início na região do Escalvado, esta sita à margem esquerda do Itajaí Açu - pouco a jusante do lugar denominado Pedra de Amolar, em Itajaí, teria dado vazão a enchentes catastróficas, esgotando as águas na praia de Armação na Penha do Itapocorói. O esbordamento verificar-se-ia caso o nível da cheia alcançasse 19,00 metros, na região de Blumenau. Na atualidade os aterros procedidos em 1959 para a implantação da Rodovia BR-101, obstruíram ainda mais o antigo segundo "canal extravasor", que possivelmente teria sido, no passado remoto, denominado "Barra Morta."

4- Belgo-flamenga: Etnia. A Bélgica é povoada por duas etnias: a dos "Flamengos" e a dos "Valões", que durante séculos vêm se digladiando.

5- Ruínas: Resultantes da tentativa de colonização. A motivação para o historiador José Deeke circunstanciar a colônia do belga Van Dahlen, referido na obra "Am Lagerfeuer", talvez tivesse como vetor, além da malograda tentativa de implantação da Colônia Belga de Charles van Lede em Ilhota -SC, também a pretendida colonização belga do Saí - na península do mesmo nome, sita na parte setentrional da Baía de Babitonga, no norte do Estado de Santa Catarina, e cujo sistema colonizatório foi conduzido pelas idéias do método filosófico social de Charles Fourier.

6- Grego: na frase significando "incompreensível". No original "Böhmische Dörfer", expressão idiomática alemã, cuja tradução livre é: "linguajar ou dialeto de aldeão da Boêmia", que no século passado, por se diferenciar muito do alemão falado nas demais províncias, era considerado somente compreensível pelos próprios camponeses daquela região, a Boêmia, atualmente integrada parcialmente à Checo-Eslováquia e à Polônia.

7- Tráfico de Escravos: Durante o segundo Império o Brasil firmou convênios com a Inglaterra, visando a repressão ao tráfico de escravos, sendo estabelecidos tribunais mistos de julgamento, para decidir o destino dos navios negreiros apreendidos. Tinha o Brasil a obrigação de patrulhar as costas, que também eram patrulhadas pelos navios britânicos. Mas o tráfico continuava, fazendo o Governo Imperial do Brasil vista grossa à traficância. Por isso dizia-se que o patrulhamento brasileiro era fictício, ou seja, apenas "para inglês ver".

**Blumenau
rumo aos
150 anos
de fundação**

**Relatório da
Colônia
Blumenau
sobre o ano
de 1874***

*TEXTO:
DR. HERMANN
BLUMENAU*



Dívidas dos colonos ao Governo e cobrança das mesmas – A atual importância total de Rs 385:200\$000 não pode ser considerada como aproximadamente exata, visto que no mês de janeiro não é possível transferir e encerrar-se todas as contas nos respectivos livros de escrituração, operação penosa e morosa, da qual enfim resultam as cifras exatas. Além disso, muitos lotes vendidos ainda não foram medidos e demarcados na sua área total, e como a superfície não é perfeitamente conhecida, regula o preço total do lote. Também desta circunstância resultam acréscimos ou diminuição na importância total das dívidas.

A importância total arrecadada no ano foi de Rs 13:132\$080, proveniente de serviços prestados pelos respectivos devedores em obras públicas e abonados em conta no valor de Rs 8:162\$360, e em moeda Rs 4:969\$720. Foram entregues na Tesouraria da Fazenda, por conta desta última a importância de Rs 4:533\$510, entretanto o restante de Rs 436\$210 foi empregado na primeira metade do ano em conformidade com as ordens e regras, em obras públicas, e assim consta das respectivas contas.

Pelos motivos que já expedi em relatórios e exposições anteriores, este resultado é insatisfatório, devendo e podendo as cobranças serem de importância maior, se a tal respeito fossem adotadas em todas as três colônias do Itajaí Açu e Mirim expedientes uniformes, coerentes e apropriados. Sob as atuais condições e circunstâncias, porém esta diretoria, neste ramo de serviço não pode fazer mais do que fez, pois eu mesmo, apesar de não ter feito senão o meu estrito dever e ter procedido com toda seriedade, fui acusado e intrigado por homens – uns meros néscios ou intri-

* **Fonte:** Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” – Fundo: *Memória da Cidade* – P. 02.48 – documento 490, transcrição do texto originalmente escrito em língua portuguesa. Esta é a parte final do texto iniciado na edição da Revista “Blumenau em Cadernos”, maio de 1999.

gantes, outros necessitados não de talento, mas de estudo aprofundado e boa aritmética, de madura reflexão e coerência nas idéias – de eu contrariar as benévolas e humanitárias vistas do Governo, de “esfolar” os pobres colonos, sobretudo os nacionais etc, além de alguns miseráveis, que ultimamente espalharam entre a estúpida massa boatos “de que eu meti no meu bolso as quantias assim extorquidas”, tendo já subtraído 20 ou 200 contos de réis; que o Dr. Pinto Braga teria descoberto e consigo levado à corte dois livros de escrituração falsificados; que, pagando o Diretor das Colônias de Itajaí-Mirim aos ordinários operários 2\$000 de jornada (trabalho), o mesmo também competisse aos operários da Colônia Blumenau, e que, pagando eu somente 1\$300, tirava assim dos “infelizes” trabalhadores 700 réis diários; e outras mentiras e boatos caluniadores, tudo porém propalado com astúcia tal, que não é possível convencer em juízo aos verdadeiros autores e aticadores.

Neste lugar não posso deixar de por mais uma vez e com máxima energia combater a idéia, emitida por diferentes vezes até por pessoas de eminente talento, posição e mérito, e a quem aliás consagro toda a deferência e respeito, de que o melhor expediente seria perdoar os colonos de suas dívidas, e “emancipando-se” a Colônia, quer dizer, abandonando-a simplesmente ao des-governo da Câmara municipal de Itajaí, e assim muitas obras, executadas com grandes despesas, sobretudo as vias de comunicação, seriam levadas à iminente e próxima ruína e inutilização. Que a emancipação parcial ou uma parte da grande Colônia, sendo bem preparada e acertadamente executada. Atualmente já seria conveniente e até representaria um benefício para o Governo. A diretoria e mesmo a população, não têm dúvidas de que a Colônia deverá ser completamente emancipada mais cedo ou mais tarde, entrando no giro administrativo geral do País. Mas que para que tal fim seja necessário acertado ou simplesmente, seria conveniente lançar mão de expediente, em verdade muito cômodo de passar uma esponja sobre todo o passado e perdoar aos colonos suas dívidas ao Governo ou deixar de cobrá-las sucessivamente, isto não compreendo e sim contesto devidamente, da mesma maneira como todos os colonos sensatos, aqueles de mais prolongada estada na Colônia e de inteligência e juízo mais maduro!

Digo mais, tal expediente seria recebido pela inteligente e laboriosa população e portanto a mais útil e prestimosa gente da Colônia como um golpe funesto à futura prosperidade desta última, e como um verdadeiro atentado e escárnio contra toda a justiça e equidade, sobretudo quando na emancipação não for satisfatoriamente providenciado sobre as ulteriores e palpitantes necessidades da Colônia e sua população e a conservação do que já foi criado.

Em efeito, o simples perdão das dívidas haverá de constituir uma multa para todos aqueles honrados e laboriosos colonos, que, tendo trazido ao País ou nele derramado o suor de seu rosto para adquirir algum pecúlio, compraram e já pagaram suas terras ou que desde o princípio não se constituíram em débito com o Governo ou já o saldaram com o fruto dos seus labores e esforços, da sua economia e sobriedade; e por outro lado, salvos raros casos de miséria ou indigência sem culpa própria, em que se podia e humanitariamente deveria ser aplicada uma sisuda e racional clemência, tal remissão haveria de equivaler a um efetivo prêmio aos mandões e vadios, aos glotões e beberrões, aos pródigos, jogadores e constantes fregueses das tavernas, enfim a todos os maus sujeitos e viciados que, não raras vezes na posse de excelentes lotes de terras, deles nem sabem ou não querem, com o contínuo e honesto trabalho, tirar uma boa subsistência e meios para saldarem suas dívidas!

O efeito moral do perdão sobre tais sujeitos seria funestíssimo. Atualmente a espada de Dámocles está sobre a cabeça e, certamente há a preocupação de que mais cedo ou mais tarde lhes seja exigido o desembolso dos seus débitos, ficando eles emitidos dos seus lotes, o que a muitos que não são completamente embrutecidos, serve simultaneamente de estímulo e freio. Desaparecendo porém, este néscio e podendo eles se considerar perfeitamente seguros e garantidos nos seus lotes, sempre mais haverão de se entregar aos vícios e em primeiro lugar a indolência e vadiagem, tanto os nacionais como os estrangeiros!!

Atualmente as dívidas dos colonos importam em cerca de Rs 385:000\$000, quantia esta da qual em dois ou três lustros poderão não cobrar os 4/5, porém somente os 2/3. Com esta sobra muitos benefícios poderão ser feitos na Colônia e a sua população. Muitas vias de comunicação, poderão ser melhoradas e consertadas, o número de escolas aumentadas e as subvenções dos professores melhoradas, construindo-se capelas e casas de escola mais espaçosas etc. E empregando-se as quantias arrecadadas por este modo em benefício dos devedores ou jogadores, nenhum homem de juízo censurará quando enfim, depois de passados os prazos razoáveis, se proceder com energia contra os sujeitos ainda remissos e incorrigíveis, ficando seus lotes vendidos em hasta pública. E querendo enfim o Governo considerar estas quantias como fundo perdido, mas destinado para promover a ulterior prosperidade da Colônia e desonerar-se dos incômodos e despesas da direta cobrança e administração das mesmas dívidas, que confie estas operações a Juntas especiais de cada quarteirão ou distritos, convenientemente estabelecidos, subordinados à Câmara do Município que convém erigir na Colônia, e além disso a uma boa fiscalização superior. Assim cobrada e empregada, aquela importância contribuirá durante lustros e

decênios para aumentar a prosperidade geral. A simples remissão, unicamente há de promover os vícios e a miséria!

Obras Públicas – Tendo-se nelas trabalhado ativamente durante o ano inteiro, foram sobretudo ativadas no trimestre de abril a junho, época do ano, em que a maioria dos colonos é menos ocupada com sua lavoura, e nos meses de outubro a dezembro, em que a excepcional seca favoreceu muito a maior parte dos serviços, e conveio aproveitar-se desta oportunidade proporcionalmente rara.

O edifício do hospital, com cozinha, latrinas e depósito de cadáveres está quase pronto, faltando somente algumas peças miúdas de marceneiro, que ainda não as entregou, a caia dura e pintura no interior e a pintura à tinta óleo das janelas e portas, tendo-se com o mesmo despendido Rs 3:045\$000.

Os mais indispensáveis utensílios e aprestos interiores já estão prontos ou próximos de serem entregues, de maneira que, em breve neste edifício definitivamente será estabelecida a enfermaria. O fundamento de pedra e alvenaria do muro de cercas, na frente do prédio de 45 metros de comprimento para a rua, está acabado, e o muro também já o estaria se os tijolos encomendados tivessem sido entregues a tempo, esperando eu contudo, que seja concluído dentro em breve, inclusive o portão de ferro, já encomendado e que será feito nesta povoação. A despesa com o muro foi de Rs260\$990.

Matriz e Casa de Oração – Minha esperança é de se concluir a construção destes dois edifícios até o fim do ano, entregando-os definitivamente ao seu destino. Infelizmente não se realizaram porque faltaram, além de hábeis oficiais de pedreiro e marceneiro, no número necessário, diferentes materiais de que a Diretoria só com grande dificuldade pôde munir-se, e cuja entrega se demorou e ainda demora, estorvos estes, que a Diretoria infelizmente com todo o zelo não pôde, nem pode remover e que lhe foram criados, mas já poderiam ter sido removidos. Para a segurança dos edifícios é preciso guarda raios, e para o ápice de torre da matriz e do telhado octógono da casa de oração de ornamentos góticos, moldados de zinco ou cobre, visto que, se fossem feitos de pedra de cantaria ou de massa de cimento, teriam, além da dificuldade e despesa da fabricação e colocação, carregado excessivamente os edifícios. Informe-me portanto a respeito dos mesmos, do seu preço etc., por intermédio de um hábil arquiteto amigo meu e homem muito honesto, na Alemanha onde existem grandes fábricas deste gênero, remetendo desenhos etc. Igualmente me informe sobre os preços de tintas e diferentes outros materiais necessários para os edifícios em construção, os quais, em geral, no Rio de Janeiro se vendem por preços muito altos e alguns somente por preços realmente exorbitantes. E tendo eu, recebido informações muito satisfatórias, propus e solicitei vocalmente autori-

zação não só à S. Exa. o Sr. Presidente da Província, como ao Inspetor da tesouraria da Fazenda, que nos princípios do mês de julho nos visitaram nesta Colônia. Autorizaram-me mandar vir estes objetos de Hamburgo com o próximo barco de imigrantes. E como eu recebi expressa aprovação de ambos, encomendei os referidos materiais com tanto maior confiança, quanto já por diferentes vezes com aprovação superior eu havia procedido da mesma maneira e com máxima economia para o Governo, tendo v.gr. no ano de 1873 mandado vir 5 barricas com quintais de gesso calcinado em pó, que assim ao Governo custarão 33\$500. Veja-se o balanço das despesas desta Diretoria do 1º trimestre do exercício financeiro de 1873 – 74 de 30 de julho e o documento comprovatório nº 107. Entretanto, comprados no Rio de Janeiro, pelo preço do mercado de 14\$000 pelo quintal e inclusive o frete, seguro etc., até cá teriam custado pelo menos 156\$ a 160\$000! Mas quando, ainda antes da chegada destes objetos e materiais pelo barco Shakespeare e nos fins de novembro, oficialmente pedi ao mesmo Inspetor da tesouraria, apresentando-lhe ao mesmo tempo a respectiva relação, a expedição de necessárias ordens à mesa de rendas sobre a entrega livre de direitos, dos referidos objetos, recebi a resposta de que, em vista dos artigos x e y dos Decretos tais e tais, os mesmo não podiam ser entregues ou despachados sem autorização especial do Ministro da Fazenda, cabendo a mim a responsabilidade da sua remessa ou chegada. Ora, tendo o mesmíssimo Inspetor me declarando no mês de julho e antes de eu encomendar os materiais, de que não havia dificuldade a tal respeito, devendo-me a ele dirigir no tempo próprio, para os mesmos me serem entregues livres de direitos como sendo destinados para obras públicas gerais, tal resposta e proceder não podiam deixar de em máximo grau me pasmar, não sabendo eu em efeito que a própria qualificação eles merecem! E como, apesar das minhas representações e reclamações, os mesmos objetos, dos quais eu aliás e com urgência carecia para as obras, continuaram em me serem recusados, oficializei em 12 de dezembro à Presidência sobre este negócio, a qual o remeteu ao Ministro da Fazenda, onde ainda está, ficando os objetos retidos na vila de Itajaí, e eu, como Diretor, inibido de convenientemente adiantar as referidas construções e, como particular, privado da quantia de 1695 Marcos do Império, que tive de remeter a Hamburgo em julho, junto com a encomenda.

A despesa com a igreja matriz foi de Rs3:073\$385, inclusive todas as telhas, tijolos, ladrilhos etc., ainda necessários para a construção do edifício e depositados no lugar; a da Casa de Oração foi de Rs 5:609\$845, achando-se, com insignificante diferença, também no lugar o resto dos necessários materiais com exclusão, em ambos os casos, dos ornamentos, guarda-raios e mais objetos, retidos na Vila de Itajaí.

Muros de cerca dos Cemitérios católico e evangélico – Do primeiro se acham feitos os necessários serviços como a escavação e remoção das terras, estando acabado o fundamento inteiro, de pedra do muro, e encomendado o resto dos tijolos, tendo-se despendido Rs 1:430\$720.

No segundo se acham feitos a drenagem com tubos de barro, na profundidade de até 2,4 m., operação bastante difícil e dispendiosa, trabalhos com o caminho, bem como, depositadas no lugar, porções de pedra de alvenaria para o fundamento e tijolos para o próprio muro.

A despesa foi de Rs 547\$460.

Casa da Diretoria – A falta de pedreiros e a demora na entrega de diferentes materiais, sobretudo de telhas e tijolos, dos quais há grande extração para construções particulares, e de cal, foi a causa porque não se podia proceder a efetiva construção do edifício, carecendo este de uma base e sobretudo de um fundamento muito sólido, o qual deve ter de 0,80 a 2,2m. de profundidade, sendo o comprimento do edifício de m. 19,4 e a largura de 11,1 m. e a substrucção (souterrain) por causa das enchentes, da altura de 2,75m. Achando-se no lugar porém já toda a pedra de alvenaria, e uma grande porção de tijolos e areia, bem como armazenados cal e com pouca diferença, todo o taboado necessário para o edifício, e estando também já pronta toda a madeira falquejada ou serrada, a construção progredirá no novo ano com rapidez, se não faltarem os indispensáveis fundos pecuniários. A despesa com todos os indicados materiais e preparativos foi de Rs. 3:925\$180.

A conservação e os consertos dos edifícios públicos a cargo da diretoria como casas do padre e pastor, de escolas do sexo masculino e feminino, de detenção, armazém e enfermaria provisória causaram a despesa de rs 306\$600, achando-se os mesmos atualmente em bom estado.

Com o conserto e a conservação das Casas de Hospedagem se despendeu a quantia de Rs 512\$340, tendo sobretudo aquelas que se acham na barra do rio Itajaí-Mirim, perto da vila, carecido tanto nos próprios edifícios como nos telhados, de reparos e substituição de peças de madeira, de canalização das águas de chuva etc., e achando-se elas hoje em estado, para poderem ainda servir por bom número de decênios.

Nas casas de hospedagem existentes na povoação da própria Colônia, não se fizeram senão os consertos mais indispensáveis, sendo tomada em vista sua breve remoção do atual lugar para outro mais apropriado, assunto este sobre o qual já informei ao Ministro da Agricultura, estando à espera de ulterior resolução.

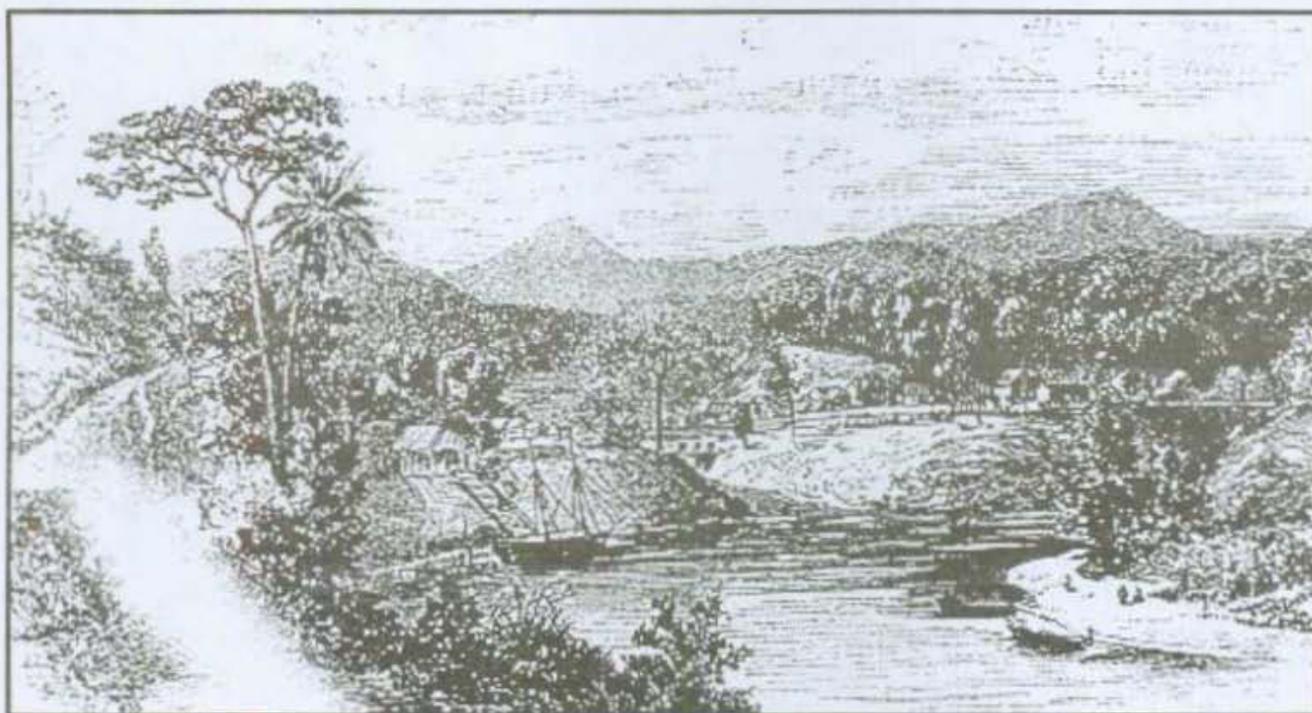
Das quatro grossas pilastras, de cuja construção esta Diretoria havia sido incumbida, para protegerem o barranco lodoso do Itajaí na Praça Grande e

no porto da povoação contra o constante roer do rio e os desmoronamentos, bem como para susterem os escoadouros do sistema de drenagem indispensável para o enxugamento e a consolidação do mesmo barranco, não foi possível construir-se senão três. Ainda assim a obra tornou-se bastante dispendiosa, tendo ela por diferentes vezes sido interrompida por repentinas, bem que pouco altas subidas do rio, que puseram debaixo de água as ensecadeiras, e além disso dificultada pelo singular obstáculo, de que entre o solo e a rocha do fundo, em que repousam as pilastras na beira do rio, na profundidade de mais de 3-5 m. abaixo do nível regular, com veemência saltaram grossos jorros de água, muito difíceis de vencer e reprimir. O trabalho da drenagem igualmente foi bastante difícil. Para torná-lo eficaz e apanhar-se as camadas do solo as mais arenosas e das quais no barranco saíam inúmeros olhos de água, foi mister, colocar as filas dos tubos de barro cozido de drenagem, de diferentes tamanhos, aliás, de excelente qualidade e fabricados nesta própria colônia com uma pequena máquina da minha propriedade e que para tal fim eu havia mandado vir, desde a profundidade de 1,2m. até a de 5,5m.

A despesa de Rs.1:557\$010, bem que algum tanto alta, parece-me muito frutífera, podendo as pilastras, construídas na parte superior e numa grossura de cerca de 0,5m. com grandes pedras e argamassa de cimento Portland, servir para atracar e descarregar barcos, e tendo-se o antigo tremedal na beira do rio convertido em chão firme, que facultando a construção de um caminho, com máxima brevidade enxuga depois de qualquer enchente e ao mesmo tempo melhor resiste, ainda protegido pelas próprias pilastras, ao roer do rio. A quarta pilastra, bem que a mais importante de todas, por ela deveria ser protegida a parte mais exposta, a ponta da margem direita do caudaloso ribeirão do Garcia na sua desembocadura no Itajaí. Infelizmente não pôde ser construída, porque, procedendo-se a mesma a novos e minuciosos exames mediante varas de ferro, se achou a rocha ou o fundo sólido coberto de movediço cascalho e areia que qualquer diminuta água de monte leva, somente a 7,5m. a 8 abaixo do nível regular do rio, embora a distância da última pilastra não é maior de cerca de 35m. Sob esta desagradável e inesperada circunstância, não foi nem me parece exequível construir-se uma pilastra sem apropriados aprestos, como caixões ou ensecadeiras de ferro, bombas de grande força, locomóvel etc. e sem uma correspondente e considerável despesa para a qual não tive autorização. E conhecendo eu desde cerca de 25 anos os caprichos do rio Itajaí e que não há mês algum do ano, em que já não se tenha dado uma daquelas furiosas águas de enchente, que não deixariam de destruir e levar, na ponta em questão, qualquer ensecadeira, me parece sobremaneira arriscado executar-se a obra pela maneira indicada. Proteger a dita ponta e com ela a mais importante parte da povoação, é

porém de urgente necessidade, e assim opinou, que o alvitre o menos dispendioso e ao mesmo tempo mais seguro e acertado seria fabricar-se no próprio lugar e com o excelente cascalho, que se acha na banda oposta do rio, rochas artificiais ou "blocos" de betão ou concreto do tamanho de 1 a 1.5m³, que seriam afundados, e desalojando pouco a pouco os cascalhos da área e enfim repousando na rocha do fundo, haveriam de formar uma espécie de promontório, o qual, não duvido, eficazmente protegeria, a ponta em questão.

Neste lugar não posso deixar de mencionar, que o cais construído em 1871 e 1872, também num tramendal do barranco do rio na povoação e cujo fundamento se acha cerca de 3,3m abaixo do nível regular do rio, que já por diferentes vezes teve de agüentar fortes águas de enchente, ainda hoje, ostenta sua face, revestida de tijolos com rejuntamento de cimento, tão lisa e bela e sem a mínima fenda, como se fosse construída ontem.



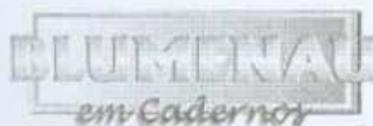
**Rio Itajaí Açú na confluência com o Ribeirão Garcia
Blumenau - 1870**

História
&
Historiografia

Encantos e
Desencantos:
novos meios de
transporte no
início do século
em Blumenau

TEXTO:

MÉRI
FROTSCHER*



As linhas que se seguem falam das duas primeiras décadas deste século, quando surgiram novos meios de transporte em Blumenau, provocando curiosidade, euforia, mas também resignação e medidas de controle do trânsito urbano. Tempos em que os trilhos da Estrada de Ferro Santa Catarina rasgaram o Vale do Itajaí, anunciando a modernidade; em que o automóvel surgiu enquanto ícone da burguesia em ascensão; em que os ônibus, os primeiros veículos motorizados para transporte de passageiros, passaram a facilitar o transporte de alguns poucos – é bem verdade!

Tais inovações não deixavam de ter suas relações com as mudanças pelas quais o mundo passava. Desde as duas últimas décadas do século XIX, o mundo viu surgir novos meios de locomoção, comunicação, difusão do som e imagens, através do fonógrafo e cinematógrafo, em razão da expansão da eletricidade. Tempos em que a vida tomou outro pulsar, ritmos frenéticos. E a cada novidade técnica, uma curiosidade despertada. No ramo dos transportes, a velocidade e a envergadura dos veículos era muitas vezes motivo de espanto.

No Brasil, a estréia do bonde elétrico fez muitos imaginar como aquele veículo andava. Magicamente? Havia quem pensasse que pondo os pés nos trilhos ficaria grudado e seria esmagado fatalmente pelo bonde! O fato é que os bondes elétricos fizeram, pouco a pouco, desaparecer os bondes puxados a burros, que nas ladeiras desciam sozinhos, equilibrados pelo breque do condutor, com o par de burros seguindo depois.¹

* Graduada em História pela FURB e mestre em História pela UFSC (1998). Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação de História da UFSC.

¹ Oswald de Andrade. *Nosso século*. Brasil. 1900-1910. A era dos bacharéis. São Paulo: Abril, 1985. p. 180/181.

O trem foi, contudo, o símbolo máximo daqueles novos tempos em que a velocidade arrombava as “portas do impossível”. O espanto estava na sensação de viajar de trem, transformando o passageiro num espectador, que detrás da janela via a paisagem se transformar em manchas ou listras, como testemunharia o escritor francês Victor Hugo, após uma viagem de trem, em 1867: “As flores da beira da estrada não são mais flores, porém, manchas, ou antes, listras. Vermelhas ou brancas; não há mais pontos, tudo se torna listra”.² Mergulhar no ir e vir dos habitantes do final do século passado e início deste, é também aguçar os sentidos e perceber também sons e sensações diferentes provocadas pelos novos meios de transporte que surgiam.

Naqueles tempos em que a noção de espaço e tempo se tornavam cada vez mais relativos, dependendo do meio de transporte utilizado, a velocidade do trem superava os antigos meios de transporte. Também o fato de não poder funcionar em estradas previamente existentes, exigindo caminhos de ferro exclusivos, as estradas de ferro provocaram encantamento e espanto onde eram construídas.³

No Vale do Itajaí, o trem fez soar seu apito pela primeira vez em 1909. Com a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Santa Catarina, entre Blumenau – Aquidaban (atual Apiúna), o trem corria pelos trilhos do Vale do Itajaí, vindo a facilitar o deslocamento regional. Foi com o trem que se agilizou a mobilidade entre localidades antes somente alcançadas após dias de viagem a cavalo. A modernidade rompeu com a fixidez, privilegiando a mobilidade, “dissolvendo” o que parecia sólido.⁴ O espaço encolheu, as horas encurtaram.

Aqui, o trem surgiu alguns anos depois do automóvel. Apesar de sua construção ter sido idealizada desde 1870 por Hermann Blumenau e pelo engenheiro Emil Odebrecht, sua construção não foi levada a cabo no século passado. Somente em 1907, sob a denominação *Eisenbahn Gesellschaft S.A.*, a Sociedade Colonizadora Hanseática iniciou sua construção. Todo o material provinha da Alemanha. Em 1918, em razão da Primeira Guerra Mundial, passou a ser gerida pela Administração Geral de Estradas de Ferro, alterando seu nome, em 1919, para Estrada de Ferro Santa Catarina. Em 1929 a ferrovia chegou até Rio do Sul, no Alto Vale do rio Itajaí-Açu, e em

² TOLEDO, Vera Vilhena de. *A riqueza nos trilhos. A história das ferrovias no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1998. P 15.

³ RELPH, Edward. *A paisagem urbana moderna*. Lisboa: Edições 70, 1990.

⁴ ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 215.

1938, até Trombudo Central. Foi a segunda estrada de ferro construída em Santa Catarina.

A Estrada de Ferro Santa Catarina foi a porta de entrada da modernidade no Vale do Itajaí. A chegada do trem foi saudada como uma ruptura com o passado, fazendo nascer a consciência da modernidade. A representação do espaço entre as localidades do Vale do Itajaí provavelmente mudou.

No interior do espaço citadino o automóvel tomou o seu espaço. Tal veículo chegou quebrando o silêncio das ruas das cidades brasileiras, anunciando o despontar do século XX. Em razão dele, mudaram-se hábitos, surgiram os “carros de praça” e a profissão de motorista. Pôs-se na boca dos brasileiros uma palavra francesa, “chauffeur”, para designar seus condutores. Foi em virtude da difusão de seu uso e de outros meios de transporte urbano que se instituíram legislações de controle da circulação no espaço público das cidades. Também em razão dele se visualizou o estado em que se encontravam as principais ruas, demandando reformas urbanas.

O automóvel era ambicionado pelos homens de fortuna do Brasil.⁵ Como escreveu o historiador Jacques Le Goff, as inovações mantinham-se no plano da elaboração de uma elite, de grupos, de capelas.⁶ E em Blumenau, foi o empresário Frederico Guilherme Busch quem adquiriu o primeiro automóvel, em 1903. O veículo foi importado por um membro da elite proveniente da ex-colônia alemã Santo Amaro da Imperatriz. Chegando em Blumenau em 1888, aos poucos foi constituindo fortuna e renome. Iniciou a exportação de laticínios e instalou a primeira fábrica de fósforos da cidade. Também viabilizou a primeira usina hidrelétrica, o primeiro cinema, e trouxe a primeira companhia lírica a Blumenau. Era também de sua propriedade o vapor “Gustavo”. Com o seu sogro, Henrique Probst, geriu a Empresa Industrial Garcia, uma das maiores indústrias têxteis.

Fato digno de registro foi o ocorrido na alfândega de Florianópolis, quando o automóvel de Frederico Busch Sênior chegou ao porto. Como não constasse o artigo automóvel na pauta de importação, o Inspetor de Alfândega teve que consultar o Ministério da Fazenda para poder preencher o formulário. Tal fato levou o autor Zedar Perfeito da Silva a considerar o automóvel de Frederico Busch Sênior o primeiro a entrar no Brasil⁷. Na ver-

⁵ *Nosso século*. Brasil. 1900-1910. A era dos bacharéis. São Paulo: Abril, 1985. p.84 .

⁶ GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: ed. Unicamp, 1996. p. 197.

⁷ SILVA, Zedar Perfeito da. *O Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1954. p. 07.

dade, o primeiro automóvel foi introduzido no Brasil em 1893, em São Paulo, por Henrique Santos-Dumont, irmão mais velho do “pai da aviação”. Era um Daimler inglês, de patente alemã, movido a vapor, com fornalha, caldeira e chaminé, levando dois passageiros.⁸



Adquirido em 1903, o primeiro automóvel de Blumenau, foi importado dos E.U.A.. À frente, o filho do proprietário, Frederico Guilherme Busch Júnior, que posteriormente se tornou prefeito de Blumenau. (Fonte: AHJFS)

A introdução de novos meios de transporte em Blumenau, deu-se num contexto em que se desenvolvia a pequena indústria e se rompia o isolamento da economia do Vale do Itajaí. Pouco a pouco se expandia a divisão de trabalho entre campo e cidade, a agricultura comercial substituía a de subsistência, e surgia uma classe burguesa que acumulava capital e começava a expressar, através de novos hábitos e aquisição de bens, a opulência.⁹

⁸ *Nosso século*. Brasil. 1900-1910. A era dos bacharéis. São Paulo: Abril, 1985. p.84.

⁹ SINGER, Paul. Blumenau. In: *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Editora Nacional, 1968. p. 118.

Na coluna de notícias locais, o jornal *Der Urwaldsbote* de 26 de setembro de 1903 anunciou entusiasticamente a chegada do primeiro automóvel “às matas do sul do Brasil”! Para o jornal, tal fato era um indício de que a cidade estava dando passos significativos rumo à civilização. A imprensa apresentava aos leitores a urgência de se transformar Blumenau - apresentada pela metáfora *Urwald* (mata) - em civilização.

Os editores dos jornais acompanhavam as mudanças que se desencadeavam nas cidades brasileiras e reclamavam melhorias para a cidade. Quando noticiava o primeiro automóvel, em 1903, o mesmo jornal indagava: “Quando enfim ouviremos soar o apito do trem?”.¹⁰ Então, o automóvel aparecia mais como emblema de um processo “civilizatório” que se pretendia desencadear na “*Urwald* blumenauense” do que como um emblema da modernidade. Daí, quando faziam referência ao moderno no ramo dos transportes, os jornais lembrarem do trem.

Quando as novidades técnicas apareciam, impossível era prever a sua repercussão. Quando o automóvel surgiu, o jornal prevê o “fim da era das bicicletas”, vendendo a ilusão de que o carro substituiria a bicicleta, de que o moderno substituiria o arcaico. Todavia, as condições econômicas da maioria da população não permitiam que desfrutassem o conforto dos automóveis, privilégio de poucos.

O pedestrianismo, as carroças e bicicletas eram os meios usados pela maioria da população nos seus movimentos de ir e vir. Tão frequente era o uso de bicicletas que a legislação sobre o trânsito estabelecia normas e taxas também sobre este tipo de veículo. A Lei nº 199 de 1926 exigia que as bicicletas tivessem chapa indicando o ano em que foi distribuída e a numeração corrida, para facilitar a fiscalização do imposto.

Editais começavam a ser publicados regulamentando o trânsito nas ruas, onde transitavam os mais variados meios de transporte. Num deles, publicado no jornal *A Cidade* de 01.10.1927, proibia-se aos ciclistas “tomarem a frente de automóveis quando estes estavam em movimento, ou transitarem à noite sem a respectiva lanterna. Toda a bicicleta devia obedecer a mão e contramão e ter uma numeração”. A modernidade surgiu e elegeu a rua como lugar de destaque na hierarquia do espaço urbano, em detrimento

¹⁰ Lokalnachrichten. Jornal *Der Urwaldsbote*. Blumenau, 26.09.1903. Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – AHJFS - Blumenau.

da habitação. Sendo assim, controlar o espaço urbano passou necessariamente pelo controle da circulação das pessoas.¹¹

Anúncios de venda de bicicletas muito apareciam nos periódicos da época, como o a seguir transcrito, publicado no jornal *A Cidade*, de 19.11.1927: “Lúcifer. As melhores bicicletas do mundo. Vendas em prestações. Representante: Edgar J. P. Schnaider. Rua Mato Grosso, no. 30.” Aos poucos as bicicletas se tornaram mesmo as capetas das estradas para muitos chofers que precisavam disputar com elas o espaço das ruas.¹²

Enquanto a burguesia industrial começava a importar automóveis do estrangeiro, o transporte coletivo de passageiros era viabilizado através de carros de praça, carroças e carros de mola, puxados por dois ou mais cavalos. Devido à sua intensa circulação pela rua XV de Novembro, todas as manhãs procedia-se à limpeza da rua, reaproveitando-se os dejetos deixados pelos cavalos para servirem de adubo¹³. Nestes veículos, “os cavalos faziam às vezes do motor e a boa gasolina era o milho”.¹⁴

Em meio à coexistência de diversos tipos de transporte, individuais e coletivos, bicicletas, carroças, carros de mola e automóveis, os regulamentos da municipalidade tentavam pôr ordem à vida urbana. O delegado especial de polícia, também designado Inspetor de Veículos, normatizava o trânsito através de leis e editais. Tal cargo era vinculado à Inspetoria de Trânsito Público de Florianópolis.

¹¹ ORTIZ, op. cit., p. 203.

¹² Quem atestou tal fato, décadas depois, foi Zedar Perfeito da Silva, em sua obra “O Vale do Itajaí”, cujas impressões de Blumenau dos anos 50 merecem ser aqui transcritas: *Ao entardecer de sábado, vimos da sacada do hotel passarem os músicos rurais para tocar no baile público, de bicicleta, carregando o instrumento musical. Vimos operários deixando as suas fábricas pedalando as bicicletas com a namorada sentada no quadro. Vimos, num domingo, quatro pessoas montadas numa bicicleta: o homem ia pedalando; no porta-malas, dentro de uma cesta, estava uma criança de colo; no quadro, uma moça com outra criança ao colo. Aonde iriam? Vimos caçadores e pescadores com seus apetrechos passando de bicicleta pela estrada. Vimos crianças irem de bicicleta para a escola. Vimos operários com a sua caixa de ferramentas no porta-malas, visitando as casas dos fregueses. Vimos práticos veterinários com a sua caixa de medicamentos percorrendo a zona rural. Vimos casais, com os filhos pequenos dirigirem-se ao cinema, onde há um lugar separado para guardar as bicicletas. Finalmente, ali no Vale o que se faz sem o auxílio da bicicleta?*

¹³ HEUSI, Nestor Seara. Blumenau de ontem e de hoje. Separata da revista **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, 1983.

¹⁴ RABE, Afonso. Viagens entre Massaranduba e Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XIII, n. 08, p. 157/159, agosto de 1972.



Carro de molas, veículo de transporte coletivo comum nas ruas de Blumenau até os anos 50. O mais tradicional ponto de carro de molas ficava no início da Alameda Rio Branco.

O delegado estabelecia preços de aluguel de carros de praça e carros de mola, obrigando os chofers e cocheiros a afixar a tabela de preços nos veículos, em local bem visível. Apesar das normas, havia as transgressões. Nos jornais freqüentemente se reclamava do “esquecimento” de muitos condutores de veículos em afixar a tabela, “lesando os passageiros de boa fé”.¹⁵ Enquanto as leis viam a rua como lugar de passagem, para os chofers e cocheiros a rua era espaço de sobrevivência. Eles transformavam o espaço da rua num lugar praticado.¹⁶

Também em razão das exigências legais, opunham-se resistências, através de paralisações dos serviços de transporte. Não eram de nenhuma forma passivos os condutores de carros de mola e carroças. Em virtude da cobrança de uma licença, por quinze dias, no mês de fevereiro de 1912, o

¹⁵ Os cocheiros estão abusando. *Jornal A Cidade*. Blumenau, 12.11.1926. Acervo do AHJFS.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994. p. 202.

transporte coletivo ficou parado em razão de uma greve dos boleiros, como se chamavam os condutores de carros de mola. Em 1921, nova paralisação protestava contra o alto custo da carteira de habilitação, deixando vazias as ruas da cidade e parados os serviços de carga e descarga no porto fluvial.¹⁷

O começo do século encontrou estradas sinuosas e cheias de buracos, fazendo as viagens de carros de mola, apesar de reforçados com mais dois cavalos, parecerem uma “verdadeira aventura”, nas palavras de Nestor Seara Heusi.¹⁸ Em dias de chuva, quando os atoleiros se multiplicavam, a perícia dos condutores de carroças e o preparo físico dos cavalos eram postos à toda prova.

Apesar do discurso em prol da modernidade, veiculado principalmente pela imprensa, a cidade ideal entrava em choque com a cidade real. E foram eles próprios, os redatores do jornal *A Cidade*, João Octaviano Ramos e José Ferreira da Silva, que se desiludiram com o estado das ruas. Quando em 1925 estrearam o Ford recém-adquirido, logo se decepcionaram: “De repente, o diabo encrencou. Estávamos na rua Goiás. Descemos e tratamos de ver a causa que motivara o desarranjo, e que fora um dos inúmeros buracos existentes naquela via pública.”¹⁹ Assim, o automóvel tinha sua velocidade e funcionamento limitados pela cidade real que se apresentava.

Em meio a esse diferenciado trânsito de meios de transporte, surgiu em maio de 1914 o primeiro ônibus motorizado de Blumenau.²⁰ O mesmo Frederico G. Busch Sênior o importou dos E. U. A., estreando a novidade na estrada que ligava o centro da cidade à localidade de Altona, atual bairro Itoupava Seca. O veículo tinha doze lugares sentados e dois em pé.²¹ No Brasil, o primeiro ônibus havia sido montado quatro anos antes, sob um chassi importado.²²

¹⁷ ACIB. *Blumenau, 90 anos de memória*. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1989.

¹⁸ Heusi, op. cit.

¹⁹ De Ford. *Jornal A Cidade*, Blumenau, 02.12.1925, p. 3, Acervo do AHJFS.

²⁰ Aos 100 anos, ônibus esquece tecnologia. *O Estado de São Paulo*, Caderno C, 19.06.95, p. 01.

²¹ ACIB. *Blumenau, 90 anos de memória*. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1989.

²² O termo “ônibus” era utilizado na França, por volta de 1830, para designar serviços de carruagens movidas por tração animal. Servia como referência aos veículos a vapor na primeira metade do século XIX, na Inglaterra. Continuou a ser usado quando, em 1895, pôs-se em funcionamento uma espécie de “carruagem” com 8 lugares, do tipo

O primeiro ônibus de Blumenau, deveria fazer o trajeto entre o centro e a região noroeste da cidade. Qual não deve ter sido a reação dos moradores da rua principal da Itoupava Seca, quando surgiu o primeiro ônibus! Não há como se saber pelos jornais da época. O que eles nos informaram, contudo, é muito significativo. Apesar daquela novidade técnica, um veículo de tamanha envergadura e motorizado, as péssimas condições das ruas de Blumenau simplesmente inviabilizavam o seu tráfego.

Logo após inaugurar o ônibus, Frederico Busch dirigiu-se à administração municipal solicitando um veículo carregado de macadame e terra, juntamente com dois trabalhadores, para melhorar as condições de tráfego da estrada principal da Itoupava Seca.²³ Vê-se, então, que o “moderno” de que falava a imprensa blumenauense, desde o início do século, encontrava dificuldades em se adaptar a uma estrutura viária precária. A importação de modernos meios de transporte do estrangeiro se dava em ambientes cujas condições diferiam das existentes nos países de sua fabricação.

Vendo seus bens móveis passíveis de danos, as elites exigiam da prefeitura melhorias no sistema viário, solicitando também colocação de placas de sinalização (*Wegweiser*) nos cruzamentos e bifurcações mais importantes, para que os desorientados pudessem se localizar.²⁴ Usavam da imprensa também para reivindicar ruas mais largas. Em 1916, o jornal *Der Urwaldsbote* reclamava das ruas estreitas, pois “nas circunstâncias em que estão, os automóveis antes constituem um obstáculo ao trânsito em vez de animá-lo”.²⁵ Na década de 20, o Conselho Municipal dispôs sobre a abertura de ruas e travessas por particulares, estabelecendo largura mínima de 10 metros para as mesmas.²⁶

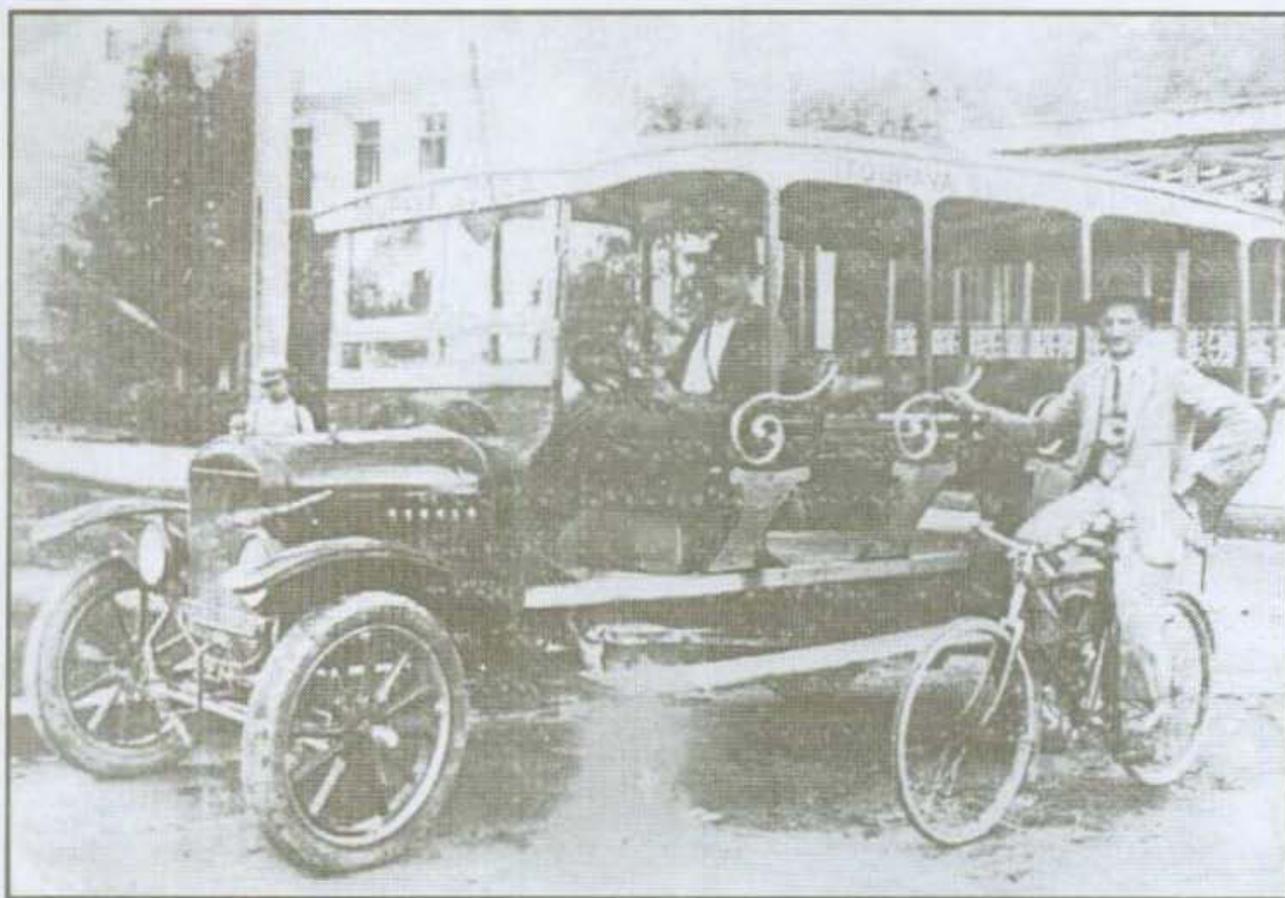
landau, movido por um motor à gasolina, marcando a primeira tentativa de serviço regular de ônibus motorizado, ligando as cidades alemãs de Siegen e Deuz.

²³ Automobilverkehr zwischen Stadtplatz und Altona. Jornal **Blumenauer Zeitung**, Blumenau, 16.05.1914, n. 20. Acervo do AHJFS.

²⁴ Wegweiser. **Blumenauer Zeitung**. Blumenau, 24.08.1925, p. 2. Acervo do AHJFS.

²⁵ Jornal **Der Urwaldsbote**, Blumenau, 16.11.1913, p. 2. Acervo do AHJFS.

²⁶ Ata do Conselho Municipal. **A Cidade**. Blumenau, 29.05.1926, n. 37. Acervo do AHJFS.



Dirigido por Francisco Kumm, o primeiro ônibus motorizado de Blumenau. Fazia a linha centro - Itoupava Seca, até a Fábrica de Gaitas Hering.

A limpeza das ruas e principalmente a atuação do governo municipal também eram motivos de queixas. Um artigo de título “Perímetros urbanos, perímetros de relaxamento”, se escreveu no jornal *A Cidade*: “A nossa principal rua, a 15 de Novembro, anda a exigir consertos urgentes, providências severas que ponham termo à sujeira e água estagnada das sarjetas, enquanto Indaial, Gaspar têm as suas ruazinhas limpas e bem cuidadas. Vê-se, assim, que nem tudo o que está debaixo das vistas dos homens que governam merece-lhes a atenção indispensável”.²⁷

Em razão da poeira que se levantava com o ir e vir dos veículos motorizados, cada vez mais se sentia a necessidade de calçamento das ruas. Provida de um leito de macadame desde 1916, somente em 1928 a Superin-

²⁷ Perímetros urbanos, perímetros de relaxamento. *Jornal A Cidade*, Blumenau, 12.11.1927. Acervo do AHJFS.

tendência Municipal mandou calçar a rua XV de novembro²⁸. Foi a primeira via pública a ser calçada com paralelepípedos. Ainda assim, alguns proprietários de imóveis situados na referida rua ficaram desgostosos com a medida, talvez por terem que auxiliar no pagamento das obras. O calçamento da rua XV de novembro, durante o governo municipal de Curt Hering (1923-1930), coincidiu com o decréscimo de tráfego de carroças e o crescente aumento do uso de veículos automotivos.²⁹

A circulação de novos meios de transporte em Blumenau não se deu sem embates e descaminhos. A bicicleta, que se pensou ser largada aos cantos, com o decorrer dos anos, muito pelo contrário, teve seu uso alargado. O automóvel, assim como foi saudado pelos articulistas da imprensa e elites como símbolo da “civilização”, também foi tido como produtor de “mau cheiro, poeira e ruído”³⁰, fazendo a prefeitura tentar normatizar e controlar o espaço urbano.

Contudo havia espaços que fugiam à racionalidade. Os pedestres vistos nas ruas da cidade do início do século, seja vendendo seus artigos coloniais, ou talvez parando para entabular conversas numa “venda”, imprimiam seus passos nas ruas, fazendo o seu percurso conforme suas necessidades. As leis de trânsito provavelmente não lhes impediam de inscrever o seu itinerário no tecido urbano. Também, como visto neste artigo, as regulamentações não impediam protestos por parte dos que tinham a rua como local de ganho e sobrevivência. Apesar do olhar normatizador das elites dirigentes, em muitas das estradas de Blumenau, à época ainda não desmembrada,³¹ circulavam transgressores de espaços, assim como despossuídos dos modernos meios de transporte que apareciam na cidade, como o automóvel e o ônibus.

²⁸ Em virtude das barreiras naturais existentes na área central da Colônia, de um lado morros, do outro o rio Itajaí-Açu, desde cedo a rua que margeava o rio tornou-se a sua principal via. Tal rua era chamada de *Wurststrasse* (“rua da lingüiça”), por ser comprida e cheia de curvas. Era passagem obrigatória aos que se dirigiam ao centro, interligando os diversos sub-núcleos da cidade. Ali se concentraram as atividades comerciais e os edifícios públicos. Em 1890, em virtude da Proclamação da República, em 1889, mudou-se o nome da rua para “XV de Novembro”. Através de uma cirurgia urbana, ganhou novo traçado em 1902, que a fez perder várias de suas curvas.

²⁹ WAHLE, Siegfried Carlos. A rua XV de novembro. **Blumenau em cadernos**, Tomo XXXVIII, n. 06, junho/1997, p. 32.

³⁰ Fragmentos da nossa história local. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. 05, maio 1998.

³¹ Até 1930, Rio do Sul fazia parte de Blumenau. Em 1934, é a vez de Indaial, Timbó, Gaspar e Hamônia se desmembrarem, fazendo Blumenau perder, entre 1931 e 1934, cerca de 80% do seu território.

Autores Catarinenses

- A língua
nossa de
cada dia
- Variadas

Texto:

ENEÁS
ATHANÁZIO*

BLUMENAU
em Cadernos

Muita gente responsável vem se inquietando com a avassaladora invasão de termos estrangeiros em nossa língua, a ponto de ameaçar sua própria existência. Antônio Houaiss morreu gritando contra isso e, muito antes dele, Monteiro Lobato também levantou a voz em defesa de nosso bom português. Parece que ambos gritaram no deserto.

Como se costuma dizer que a pátria é a língua, a preocupação em defendê-la não é de hoje. Quando o francês era considerado o idioma universal, o que se devia à irradiação cultural que vinha da França, inundou os demais idiomas com as águas de seu vocabulário. No Brasil essa invasão foi de tal ordem que exigiu uma verdadeira cruzada em defesa do português, mesmo porque incontáveis brasileiros consideravam a França sua segunda pátria. Por paradoxo, teve a França, há pouco tempo, que tomar providências rígidas, inclusive legais, na defesa de sua língua.

Recuando na história, relatam os pesquisadores fato semelhante na época do Império Romano, quando a invasão do latim nas outras línguas foi incontrolável. O mundo todo de então queria se expressar na língua dos orgulhosos romanos. Coisa parecida aconteceu no correr dos tempos com todas as grandes potências mundiais, em maior ou menor grau. É curioso observar que a invasão da língua dominante foi tanto maior quanto mais pobre e atrasado o país invadido. Também aí o vírus se instala melhor no organismo enfraquecido.

A imposição de sua língua sempre foi instrumento do colonialismo. Expressar-se em latim ou em francês, nas respectivas épocas, era elegante, elevava o *status*, revelava modernidade e cosmopolitismo. Como acontece hoje com o inglês norte-americano.

* Escritor e advogado.

O fenômeno, no entanto, nunca foi tão grave como hoje, entre nós, em especial com o inglês. As palavras estrangeiras não são apenas adotadas quando não existem correspondentes, mas substituem as nossas sem qualquer necessidade ou razão lógica. Continuando nessa linha, no futuro o Brasil não falará nem português e nem inglês, mas um “patuá” tenebroso, sem gramática, raízes ou história. Assim como já destruímos tantas coisas, teremos destruído nossa maior e mais bela herança – a língua.

Essas preocupações não são apenas nossas, mas também de estrangeiros que observam nosso panorama. Em recente entrevista à escritora brasileira Betty Milan, o célebre linguista francês Claude Hagège, um dos mais renomados do mundo, reafirma isso tudo e vai além. Diz ele que a americanização do Brasil (o maior país latino do mundo, a “nova Roma”...) “é um insulto à latini-dade.” Como guardião da quinta língua mais falada do mundo (não faz muito que era a oitava), o Brasil deve e precisa tratá-la muito bem, defendendo-a das más influências. Para nós brasileiros, diz ele, melhor seria aprofundar o espanhol, idioma de raízes comuns com o nosso, permitindo-nos estreitar as relações com os países vizinhos e conhecer na fonte uma das maiores literaturas existentes, a de língua espanhola. Nada impede que se aprenda o inglês, o francês e outras falas, mas nada de ficar “macaqueando” o que fazem e dizem os “gringos” do norte.

VARIADAS

– Tendo agora com editor-redator Anelito de Oliveira, o “Suplemento Literário de Minas Gerais” (antes do “Minas Gerais”, que é o Diário Oficial daquele Estado), um dos mais antigos e respeitados do País, está em nova fase. Abandonou o formato antigo, diminuiu o tamanho e aumentou o número de páginas. Melhorou em todos os aspectos, no visual e conteúdo.

– Livros publicados pela “Editora Cultura em Movimento”, da Fundação Cultural de Blumenau: “Espontânea”, de Tânia Rodrigues, e “Sincretismo”, de Mauro Galvão. Os livros são bonitos e bem feitos. Os poetas são criativos e seus poemas ricos em imagens e sugestões.

– O “Reencontro”, de Maria Martha Schulze Scholze (Editora Scortecci, S. Paulo, 1998) é um romance com grande sentimento que revela uma autora de fôlego para o gênero. “Com grande sensibilidade, a autora mostra o drama de uma família em busca do reencontro, depois de ter-se desestruturado nas muitas veredas por que nos arrasta a vida”, dizem, com precisão, os edito-

res. Maria Martha foi colaboradora da Página Literária que coordenei por muitos anos (1972/1990) para um jornal do norte do Estado. Este é seu segundo livro.

– “Sob o Cheiro dos Cafezais”, de Dorothy de Brito Steil (Editora e Gráfica Odorizzi, Blumenau, 1999) é um trabalho de outro gênero, mas também merecedor da melhor atenção, tanto pelo interesse do tema como pelo cuidado com que foi feito. O livro traça “um retrato da imigração da família Steil” desde a cidade de Mergig, nos arredores do Grão-Ducado de Luxemburgo até a fixação no Vale do Rio Tijucas e o surgimento de numerosa descendência. O livro inicia com uma inserção histórica, passando pelas dificuldades para a concretização do sonho, as andanças e o lançamento das raízes em Tijucas, além de reconstituir o dia-a-dia na região. Levanta muitas curiosidades e a história do sobrenome Steil. Fecha-se com um álbum de retratos e um levantamento dos descendentes de Peter Steil no Brasil. Como se vê, é um trabalho completo, com o que poucas famílias podem contar e que se constitui num documento de que seus membros só têm que se orgulhar.

– “Entre a Brisa e a Madrugada”, de Maicon Tefen (Hemisfério Sul, Blumenau, 1998) é um romance policial escrito nos moldes do gênero. Nele o autor transcende à mera técnica, revelando elevado grau de sensibilidade e mostrando como a injustiça social opera na formação do criminoso. Nisso ele se afasta dos autores do gênero, em cujas obras impera, em geral, o puro e simples maniqueísmo. O livro é bem escrito, a linguagem é verossímil e o autor domina bem a técnica do diálogo.

– Chapecó se movimenta para realizar o IV Encontro Estadual de Escritores, em novembro próximo. Uma comissão formada por representantes de várias entidades, públicas e privadas, trabalha para tornar o evento inesquecível. Durante três dias a cidade será a capital da literatura no Estado. No primeiro, estarão reunidos os escritores locais; no segundo os regionais e no último os de todas as regiões catarinenses e de outros Estados. Palestras, debates, lançamentos, cursos, painéis e outros programas preencherão o tríduo dedicado às letras. O jornal “Fonte Cultural”, editado naquela cidade, sob a direção de Silvério da Costa, homenageou num dos últimos números o poeta Lindolf Bell e estampou matérias variadas, em prosa e verso, ao gosto de todos.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1999** (Tomo 40). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____



.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Annemarie Fouquet Schünke

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Mark Deeke

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hering Têxtil S/A

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeiraira Odebrecht

Transformadores Mega Ltda.

Unimed Blumenau



TOMO XL
Julho de 1999 - Nº 07

